

A LAVOURA

BOLETIM

DA

SOCIEDADE NACIONAL

de Agricultura

HORTO DA PENHA



Mudas de abacate para distribuição

Capital Federal

» VIRIBUS UNITIS «

BRAZIL

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

FUNDADA EM 16 DE JANEIRO DE 1897

Caixa-postal, 1245
Endereço Telegraphico, AGRICULTURA
Telephone n. 1416

Sede - Ruas da Alfandega n. 108
e General Camara n. 127
RIO DE JANEIRO

DIRECTORIA

Presidente — Dr. Wenceslão Alves Leite de Oliveira Bello.

- 1º Vice-presidente — Vago.
2º Vice-presidente — DR. SYLVIO FERREIRA RANGEL.
3º Vice-presidente — DR. DOMINGOS SERGIO DE CARVALHO.

Secretario Geral — DR. HEITOR DE SÁ.

- 1º Secretario — DR. FRANCISCO TITO DE SOUZA REIS.
2º Secretario — DR. BENEDICTO RAYMUNDO DA SILVA.
3º Secretario — DR. JOSÉ RIBEIRO MONTEIRO DA SILVA.
4º Secretario — ALBERTO DE ARAUJO FERREIRA JACOBINA.

- 1º Thesoureiro — DR. JOÃO PEDREIRA DO COUTO FERRAZ JUNIOR.
2º Thesoureiro — CARLOS RAULINO.

Directores das Secções

Horto da Penha	Dr. Wenceslão Bello
Fazenda de Santa Monica	Dr. Sylvio Rangel.
Secretaria, Alcool e Museu	Dr. Benedicto Raymundo.
Secção Technica e Bibliotheca.	Dr. Heitor de Sá.
Plantas e sementes.	Dr. Monteiro da Silva.
Propaganda e estatistica	Alberto Jacobina
Thesouraria.	Carlos Raulino.

Collaboração

Serão considerados collaboradores não só os socios como todos que quizerem servir-se destas columnas para a propaganda da agricultura, o que a redacção muito agradece. A lista dos collaboradores será publicada annualmente com o resumo dos trabalhos.

A redacção não se responsabilisa pelas opiniões emittidas em artigos assignados, e que serão publicados sob a exclusiva responsabilidade dos autores.

Os originaes não serão restituídos.

As communicações e correspondencias devem ser dirigidas á Redacção d'A LAVOURA na séde da Sociedade Nacional de Agricultura.

A LAVOURA não acceita assignaturas.

E' distribuida gratuitamente aos socios da Sociedade Nacional de Agricultura.

Condições da publicação dos annuncios

VEZES	MEIA PAGINA	UMA PAGINA
1	12\$000	20\$000
3	30\$000	50\$000
6	50\$000	90\$000
12	90\$000	170\$000

Os annuncios são pagos adiantadamente.

Tiragem 5.000 exemplares

SUMMARIO

	PAGS.
A Sericicultura em Minas.	125
Madeiras e vejetaes uteis do Brazil	127
A anemia no carneiro.	134
Ilex mate paraguayensis.	137
Parceria agricola	143
Expediente	154
Noticiario	172
Parte Commercial.	177

EDITORIAL

A Sericicultura em Minas

Pessoa vinda de Minas trouxe-nos animadoras noticias sobre a Sericicultura no municipio de S. João d'El-Rey.

Teve occasião de conhecer alli o Sr. Theophilo da Silveira, que se constituiu em denodado apostolo da promissora industria do *Bombyx-mori* naquella cidade.

Este cavalheiro está tão convencido das vantagens da Sericicultura, que não tem poupado sacrificios para implantar-a na bella cidade do Rio das Mories. S. S. adquiriu uma chacara a dous e meio kilometros de S. João d'El-Rey e alli plantou 5.000 amoreiras, de que se serve para o sustento do insecto da seda. Já o anno passado conseguiu uma colheita de 164 kilos de casulos e este anno conta com uma safra de 300 kilos.

Os primeiros ensaios de criação do bicho da seda em S. João d'El-Rey datam de 1904; pois, retirando-se daquella cidade o Sr. Dr. Alvaro da Silveira, succedeu-lhe seu irmão, o Sr. Theophilo da Silveira, que, desde então, jamais se descurou do precioso *Bombyx-mori*.

Espirito culto e intelligencia segura, S. S. compenetrrou-se desde logo do alto papel economico-social que a Sericicultura está chamada a desempenhar no meio mineiro. Leu muito, praticou e observou com madureza, de modo que já se lhe não escapa segredo algum na materia.

No intuito de facilitar e garantir o exito da Sericicultura em S. João d'El-Rey, S. S., além de fazer grande plantação de amoreiras, tem procurado introduzir boas sementes ou ovulos seleccionados, afim de distribuir sirgos vigorosos pelas pessoas que, porventura, desejem tentar sua criação. S. S. conta incubar este anno cerca de 500 grammas de ovulos.

Para a hibernação dos ovulos, obteve do adiantado industrial Sr. Lobato Filho permissão para conservar todos os ovulos *Bombyx-mori* nas camaras frigorificas da grande fabrica de lacticinios que este senhor sustenta em S. João d'El-Rey. E' este um serviço de grande valia, pois, como é sabido, sem camaras de hibernação é mui difficil e fallivel a Sericicultura.

O Sr. Silveira visa constituir um centro sericicola em S. João d'El-Rey, para dalli dirigir o movimento, ora escrevendo, ora aconselhando, ora distribuindo ovulos e sirgos, fazendo em summa tudo quanto preciso for para guiar os sericicultores principiantes.

Um dos maiores serviços prestados por S. S. foi a constatação das terriveis molestias que dizimam o bicho da seda. S. S., em cooperação com o Dr. Francisco Catão, constatou o mal e indicou o meio de lhe evitar os terriveis effeitos.

Graças á campanha levantada por S. S., já neste momento existem varios cavalleiros que se dedicam á criação do bicho da seda com animo de auferir lucro.

Assim, sem intenção de omittir nomes, ha nada menos de cinco pessoas em S. João d'El-Rey que tomam a peito a criação do *Bombyx-mori*.

— Neste numero e na frente da phalange destaca-se a veneranda Sra. D. Maria Ubaldina da Silveira, digna progenitora dos conhecidos cidadãos Alvaro, Francisco, Gustavo, Urias e Theophilo da Silveira. Viva e alerta, embora sob o fardo de setenta janeiros, S. Ex. toma parte activa na propaganda serica, secundando com vigor os esforços de seu extremoso filho. E' uma bella acção esta sua, que terá o devido exaltamento, quando no futuro forem dignos de menção os que na hora presente trabalham pela implantação de uma industria destinada a operar grandes beneficios no nosso meio economico-social, cujas falhas ferem de frente aos que cogitam do melhoramento da nossa sociedade doentia.

E' na espaçosa habitação de D. Maria Ubaldina que o Sr. Theophilo da Silveira incuba e cria os seus sirgos.

— Cumpre tambem lembrar o nome do Sr. Baptista Rodrigues, negociante em S. João d'El-Rey, o qual possui cerca de 5.000 pés de amoreira com mais de dous annos e se prepara para iniciar a criação do *Bombyx-mori* na proxima futura safra.

— O Sr. Alberto de Castro, funcionario da E. F. Oeste de Minas, trata de cento e tantas amoreiras em plena exuberancia com o intento de se dedicar á Sericicultura.

— Com igual escopo, o maestro João Feliciano de Souza, applaudido director da banda de musica do 51º batalhão de caçadores, está disposto a formar grandes amoreiraes para a criação do bicho da seda em escola industrial. Possui já 5.000 plantas em bello estado e pretende cobrir de amoreiras a sua propriedade denominada Agua Limpa, visinha de S. João d'El-Rey.

— O Sr Charles Causers, gerente em S. João da firma Hopkins, Causers and Hopkins, na Capital da Republica, cultiva 2.500 amoreiras na sua chacara — Britannia — situada a tres kilometros da cidade.

O Sr. Charles Causers é um devotado criador de finas raças de aves domesticas e quer fazer-se sericicultor para distracção e negocio.

— Outro cavalheiro, proprietario em Rio das Mortes, de nome Silvestre Rodrigues, si me não trae a memoria, possui 500 amoreiras de mais de quatro annos e boas para serem exploradas. Vae começar a criar sirgos na safra entrante.

— O coronel Francisco de Paula Rodrigues, abastado criador no municipio de S. João d'El Rey, tambem fôrma na phalange de honra dos pioneiros da Sericicultura mineira. Alli, em casa do coronel Paula Rodrigues, a criação dos sirgos está em *boas mãos*, pois é a interessante senhorita Rodrigues que dedica carinhoso e intelligente trato ao *Bombyx* da amoreira. O amoreiral de Mlle. Paula Rodrigues consta de mil e muitas arvores sadias, que deram farta carga de folhas o anno passado, que foi quando se iniciou a criação do bicho da seda na propriedade do coronel Francisco de Paula Rodrigues.

Varios outros cavalheiros mostram-se animados de bons desejos em prol da Sericicultura no municipio de S. João d'El-Rey, de maneira que tudo leva a crer que os sericicultores de amanhã formarão legião.

Emquanto houver comprador para a seda em casúlos e o Governo de Minas mantiver as normas de administração que vem trilhando em materia economica, a Sericicultura ha de ir adquirindo terreno nas camadas sociaes do Estado, até se firmar definitivamente como uma abundante fonte de riqueza publica e particular.

Algumas madeiras e vegetaes uteis do Brazil

DE

M. PIO CORRÊA

Monographia n. 65 — Amostra 73.

FAMILIA DAS MORACEAS

Figueira Branca

Ficus doliaria M.

SYNONYMIA — *Coajinguba*, *Coajinguba*. *Coajinguba* e *Coajunguba* (nomes que alguns autores attribuem a este vegetal, mas que aliás pertencem á *Ficus anthelmintica* M.) — *Ccpaubucu*, algures (de «Capiu-

ba-assu», que só cabe a diversas anacardiaceas e leguminosas) — *Cuaxinguba* (o mesmo que «Coajinguba», etc., mas também applicado á *Ficus pertusa* L.) — *Figueira-brava*, no Paraná (nome que cabe melhor á *Ficus atrox* M.; no Rio Grande do Sul o mesmo nome vulgar é dado á *Cecropia adenopus* M. e talvez a outras *Cecropias*) — *Figueira-de-mangue* (quando crescendo perto de manguezacs) — *Figueira-mata-pau* (quando epiphyta) — *Figueira-parasita*, em Goyaz (idem) — *Figueirinha* (quando nova) — *Gamelleira-branca* — *Gamelleira-branca-de-purga* — *Guapoy*, dos Guaranyes («contas com furo») — *Guaxinguba* (o mesmo que «Cuaxinguba») — *Higueron*, na Republica do Uruguay — *Mata-pau* (o mesmo que «Figueira-mata-pau» e não confundir com a guttiferacea *Clusia alba* Choisy, que tem o mesmo nome vulgar) — *Quaxinduba* (o mesmo que «Guaxinguba») — *Renaco*, na Columbia e no Perú — *Renaquillo*, idem (quando epiphyta). — Ao contrario do que se tem affirmado, os nomes «Figueira» e «Gamelleira» não são peculiares a determinadas regiões do paiz; salvas excepções, ambos estão igualmente generalizados, sendo bem possivel ou quasi certo que elles cabem a numerosas especies do mesmo genero, ainda imperfeitamente estudado: — O nome «Cerejeira», que alguns autores dão ao vegetal que descrevemos, não tem a consagração popular sinão em outro individuo, da familia das Myrtaceas.

HABITAT — Todo o Brazil, sendo mais desenvolvidos os individuos que vegetam no centro e no sul do paiz, onde são encontrados facilmente com a circumferencia de mais de dez metros. Indifferente á qualidade das terras, quasi sempre nasce e se desenvolve sobre muros e especialmente sobre outras plantas, que elle atrophia e afinal mata, encerrando-as dentro de si mesmo; nutre-se por meio de raizes adventicias, de fôrmas tão curiosas como caprichosas, que vão corporificando-se e formando um caule proprio.

DESCRIÇÃO — Arvore muito copada, de caule pouco recto, até 18,00 de altura e de grande diametro; galhos longos; casca parda, embirenta revestida de epiderme verrucosa, exsudando latex abundante e espesso, de sabor doce, que oxyda ao ar; folhas persistentes, pecioladas, alternas, ovaes; flores uni-sexuaes; fructos muito pequenos e doces.

MADEIRA — Branco-amarellada, ondeada, excessivamente leve, porosa, tecido frouxo, docil ao cepilho e rebelde á serra. Pesos especificos verificados: 0,390 (Rio Grande do Sul), 0,598 e 0,600, sendo sempre mais leve a que nasce em terras excessivamente humidas ou silicosas.

APPLICAÇÕES — Madeira para canôas, taboado de forro, gamellas, cuias e pasta de papel, sendo que para esta promette ser uma das especies

nacionais de maior rendimento; os fructos são tão procurados pelos passaros, que a «Figueira» é preferida para a collocação de arapucas. Quanto ao latex, além de produzir borracha, já explorada em alguns municípios do Estado de S. Paulo, tem innumerables propriedades therapeuticas: tomado internamente na dose de dez a trinta pingos (umas cincoenta gottas), é efficaz como vermifugo; a mesma dose, repetida tres vezes diariamente, é util na cura da hydropisia; usado externamente, em unctura sobre os cravos das boubas, secca-os em poucos dias; em cataplasmas, que devem cair por si mesmas, é util nas deslocções osseas e quebraduras dos ossos. As cascas são consideradas tanníferas; o seu cozimento, tomado ás chicaras, é também vantajoso contra a oppilação. Seccando-se o latex por meio do alcool absoluto em ebullicão, filtrando se o licor alcoolico e deixando-o esfriar, obtem-se um corpo branco e amorpho, que é a doliarina, o qual condensa algumas das propriedades medicinaes attribuidas ao latex natural, isto é, peptonisa os musculos, facilita a digestão e combate a ankilostomiase pela expulsão dos respectivos vermes; associado ao ferro, é util na hypohemia intertropical. A doliarina contém o acido azodoliarinico.

OBSERVAÇÕES — Este vegetal é um dos que, a despeito de sua limitada altura, attinge, pela sua corpulencia e extensão de seus galhos, proporções colossaes.

Pensamos que ha muita confusão nas especies de *Ficus* descriptas e que o seu numero será bem reduzido no primeiro trabalho systematico.

Monographia n. 66 — Amostra 74.

FAMILIA DAS LEGUMINOSAS (divisão papilionacea)

Gracuhy

Andira spectabilis Sald.

SYNONIMIA — *Aar-cuí*, dos guaranys («nacer» da femea (?)) — *Angelim* — *Angelim-pedra*, no Espirito Santo (cf. «Observações») *Aracuí* e *Aracuim* («arvore que dá pó», nome indigena de diversas especies de *Andira* em varios Estados, e que é também um dos nomes vulgares de uma palmeira, a *Cocos schizophylla* M.) — *Baracuhy* — *Bracuhy*, no oeste do Estado de S. Paulo — *Garacuhy* — *Guaracuhy* — *Guarapuí*. — No Estado do Amazonas ha uma arvore, de que ainda não conhecemos a respectiva diagnose, e que tem o nome de «Guapuí».

HABITAT — Estados marítimos do Brasil, desde o do Maranhão, e também nos do centro; é, porém, mais commum no littoral. Vegeta em quaesquer terras, preferindo as argillosas e seccas.

DESCRIÇÃO — Arvore magestosa, de caule recto, até 30^m,00 de altura e 2^m,00 de diametro ou talvez mais; galhos resinosos, com aroma de figo quando recém-quebrados; casca grossa até 0^m,06 de espessura, avermelhada, de sabor adocicado e levemente adstringente, revestida de epiderme dura em rectangulos pequenos, uniformes e alinhados, longitudinal e transversalmente, folhas caducas, compostas, até 0,16 de comprimento, alternas, imparipinnadas; rachis um pouco convexo, pubescente; foliolos oppostos, também pubescentes, até 13 jugos, oblongos e de margens ciliadas, mais ou menos 50 ^m/_m de comprimento e 15 ^m/_m de largura, estipulados, nervação delicada, visivel á transparencia; flores roseo-violaceas, papilionaceas; fructo vagem indehiscente e monosperma.

MADEIRA — Grande alburno, cerne amarello-pardacento, ondeado, porosa, compacta, revêssa, não alisando bem, mas sendo docil á serra e retendo mal os pregos. Pesos especificos verificados: 0,960, 0,980, 0,986, 1,052, 1,144. Resistencia ao esmagamento: carga perpendicular, 229; carga parallelá, 626; sem determinação da posição da carga, 648 e 986 kilogrammas por centimetro quadrado.

APPLICAÇÕES — Madeira para construcção naval (cavername de navios e canôas, tendo a vantagem de resistir ao gusano «Teredo navalis»), obras externas, esteios, postes, vigas, tanoaria, marcenaria, carroçaria e dormentes de segunda qualidade, que duram mais de 10 annos. — As cascas servem para cortume, mas exigem muito cuidado, porque, apesar do tannino não exceder de 20 %, ellas queimam os couros, ás vezes em 24 horas, devido á presença de um principio ainda não determinado.

OBSERVAÇÕES — Vimos amostras de madeiras de individuos do Maranhão e do Espirito Santo, que são rigorosamente iguaes á dos individuos de Cananéa (S. Paulo). Nesta ultima região (valle da Ribeira de Iguape), o *Gracuh* é um dos mais gigantescos vegetaes, excedendo muito o proprio *Jequitibá*, que alli tem proporções limitadas. Vimos canôas que transportam seis toneladas de mercadorias. E' facto averiguado, que os individuos dalli fornecem madeira incomparavelmente superior á dos do centro, sendo possivel que tal anomalia occorra nos demais Estados.

— Parece haver duas variedades de *Gracuh* que o povo distingue como «grande» e «pequeno», ficando os nomes na razão

inversa do tamanho de uma *pedra* que se desenvolve no amago de cada individuo. Como acontece a outros vegetaes, as folhas do *Graculy* diminuem de tamanho com o augmento da idade do individuo.

— O *Graculy*, como todos os Angelins, teve o corte regulado pela lei de 1799, que impôz a sua venda aos arsenaes do paiz, onde o applicavam especialmente para o leme dos navios.

Monographia n. 67 — Amostra 75

FAMILIA DAS CORDIACEAS

Grão de Gallo

Cordia grandifolia A. D. C.

SYNONIMIA — *Acoará-murú* — *Clarahiba* e *Claraiba* (nomes communs a outras cordiaceas) — *Grão de porco* (commum a vegetaes de diversas familias) — *Jaguará-murú* (commum a outras cordiaceas) — *Louro* (nome extensivo a todas as cordiaceas e a algumas lauraceas). O nome «Grão de gallo» é commum a plantas das familias das sapotaceas, ulmaceas, solanaceas, rubiaceas e rhamnaceas, pelo que deve haver muito cuidado na identificação das especies; o nome vem sempre da fôrma dos fructos.

HABITAT — Desde o Estado de Pernambuco ao de S. Paulo, vegetam de preferencia em terras de boa qualidade.

DESCRIÇÃO — Arvore pequena, de caule mais ou menos recto; ramos pubescentes, verticillados, formando cruz; casca embirenta e pardacenta, até 8 ^m/_m de espessura, revestida de epiderme escura, gretada; folhas inteiras, alternas, simples, pergamentaceas, asperas, pecioladas, ovaes, acuminadas, mais ou menos 180 ^m/_m de comprimento e 67 ^m/_m de largura, nervuras salientes na pagina inferior; flores brancas, infundibiliformes; fructo drupaceo.

MADEIRA — Camada cortical pardacenta, madeira branca, fibração cruzada, porosa, molle, difficil de rachar e docil ao cepilho e á serra.

APPLICAÇÕES — Madeira geralmente pouco utilizada, mas que pôde servir para caixotaria, carpintaria e pasta de papel, sendo que esta ultima applicação é extensiva ás cascas. Os fructos são doces e comestiveis, posto não muito saborosos; delles se faz um xarope mucilaginoso e bechico.

OBSERVAÇÕES — No baixo Tieté (S. Paulo) ha um arbusto, geralmente conhecido pelo nome de «Saran», mas que tambem denominam

«Grão de gallo»: ignoramos a que familia pertence. Vegeta alli nas margens baixas e pantanosas, socialmente, entrelaçando as raizes como as rhizophoraceas; dá fructos amarellos, que os passaros comem.

Monographia n. 68 — Amostra 76

FAMILIA DAS MYRTACEAS

Guabiroba do Matto

Campomanesia klotzschiana Berg.

SYNONIMIA — *Guabiroba-guassú*, no Rio Grande do Sul e a synonymia referida na «Guabiroba do campo».

HABITAT — Estados de Minas Geraes, S. Paulo, Paraná e norte do Rio Grande do Sul, vegetando sempre em terras de primeira qualidade.

DESCRIÇÃO — Arvore de caule mais ou menos recto, até 8,00 de altura e 0,50 de diametro; galhos glabros, rubros e achatados nas extremidades; casca de sabor muito adstringente, até 4^m/m de espessura, revestida de epiderme ferruginea e furfurosa, em laminas sobrepostas, renovando-se facilmente; folhas simples, inteiras, oppostas, pecioladas, base aguda, ovaes, mais ou menos 150^m/m de comprimento e 80^m/m de largura, saliente-nervadas, verde-escuras na pagina inferior e de aroma agradável; flores axillares, brancas; fructo baga, de sabor muito adstringente.

MADEIRA — Grande e solido alburno côr de rosa e cerne vermelho-escuro, tecido compacto, revessa, dura, muito bonita depois de envernizada. Para peso e resistencia, confira-se «Guabiroba do campo».

APPLICAÇÕES — A madeira é utilizada para marcenaria, caibros, cabos de ferramentas, fabrico de carros e instrumentos de musica, tulgas, construcções civis em geral e lenha, preferida para a torrefacção da herva-matte. As cascas conteem tannino excellente para o cortimento de pellicas; além disso teem o mesmo emprego das da especie anterior e bem assim as folhas, que por causa de seu aroma agradável, muito forte ao serem queimadas, são especialmente empregadas na «sapéca» da herva-mate. Os fructos, embora um pouco acres, são comestiveis, sobretudo em compota; as antas e outros animaes, comem-nos avidamente.

Monographia n. 69 — Amostra 77

FAMILIA DAS MYRTACEAS

Guabiroba do campo*Campomanesia martiana* Berg.

SYNONIMIA — *Goabiroba* — *Guabiraba*, nos Estados do norte — *Guabiroba*, nos Estados do sul (do tupi-guarany «gua-bir-ob» folha e casca cheirosas) — *Guabirobeira* (a etymologia acima, accrescentada do suffixo portuguez «eira» — *Guabirotaia* — *Guavirá*, dos indies do Paraguay — *Guaviroba* — *Ihabiraba* (de «ybáybirá» arvore de fructos) — *Itabiraba* (corruptela de nome precedente) — *Quabiroba* (idem). — A synonymia do norte do Brasil corresponde talvez a especies muito proximas parentas desta; o nome «Guabiroba» é extensivo a vegetaes deste e de outros generos da mesma familia; no Rio Grande do Sul dão os nomes de «Guabiroba do campo» e «Araçá-rasteiro» á *Campomanesia cyanea* Berg., que não excede de 0,50 de altura. Ainda o mesmo nome vulgar é dado algures a plantas de outras familias, e entre ellas a uma cordiacea. Não confundir com «Guariroba», que é uma palmeira, a *Cocos oleracea* M.

HABITAT — Estados maritimos do Brasil, desde o de S. Paulo ao do Rio Grande do Sul, vegetando em quaesquer terras argillosas, mas preferindo as de qualidade regular.

DESCRIÇÃO — Arvore de caule geralmente tortuoso, até 8,00 de altura e 0,65 de diametro; galhos pardo-ferrugineo-esverdeados, de epiderme renovavel; casca branca, fina, de sabor adstringente, com epiderme em grandes laminas que se desprendem e renovam com facilidade; folhas simples, inteiras, pergamentaceas, reticulado-nervados, pecioladas, ovaes, mais ou menos $67 \frac{m}{m}$ de comprimento e $34 \frac{m}{m}$ de largura, apice agudo, verde-claras e de sabor adstringente; flores brancas; fructo, baga, amarello.

MADEIRA — Côr amarellada, firme, revessa, compacta, dura e elastica. Pesos especificos verificados (sem determinação rigorosa da especie botanica): 0,747 (Pernambuco) — 0,790 (Rio Grande do Sul) — 0,808 (Paraná). Resistencia ao esmagamento, sem determinação da posição da carga, 611 kilogrammas por centimetro quadrado.

APPLICAÇÕES — Madeira pouco empregada, porque a planta é cultivada por causa de seus fructos, mas que póde ter as mesmas applicações da «Guabiroba do matto»; as cascas e as folhas são uteis em

cozimento: internamente, contra as affecções agudas do apparelho intestinal; externamente, como adstringente e tónico nos casos de leucorrhéa, dysenteria, diarrhéa e catarrho vesical. O fructo, que é saboroso e com o qual se faz magnifico doce de compota, não é atacado por vermes.

(Continúa)



COLLABORAÇÃO

A anemia no carneiro -- Causas, symptomas e therapeutica

Toda a gente sabe que, depois do boi e do porco, é o ovino o animal que occupa o logar mais importante na economia social, quer pela excellente carne, preferivel, em muitos casos, á dos outros animaes, quer pela sua pelle e lã fornecidas á industria — um dos principaes coefficients de riqueza.

E, porque tambem no Brasil, de algum tempo para cá, a industria dos ovinos vai não só tomando incremento (graças ao esforço do Góverno com a actual importação de reproductores), senão, com nobre emulação, melhorando e propagando-se — considero de grande vantagem, no intuito de ser util ao desenvolvimento dessa grande industria, fornecer ao velho e ao joven criador certas instrucções proprias para prevenir, diagnosticar e curar uma das mais importantes e, talvez, menos estudadas molestias do gado — quero dizer, a *anemia*.

* * *

A' parte a anemia essencial ou idiopathica, ligada á fraqueza congenita, ao clima, logar e á impropria e insufficiente alimentação, a qual, *anemia*, tem sua origem nas alludidas causas, e sua therapeutica justa e racional na remoção das mesmas, existe, como bem disse Moussu em uma certa monographia, uma outra symptomatica, alimentada por molestia parasitaria com séde predilecta no figado ou no intestino.

Na verdade, por causa do seu modo de vida especial e da alimentação, todos os ovinos em geral estão expostos á facil penetração, por via

buccal, do ovo ou dos embriões do verme, que, desenvolvendo-se no estomago, intestino ou figado, determinam muitas erosões que podem servir de porta de entrada não só a outras infecções, como também á penetração na torrente circulatoria de ptomainas e venenos segregados pelo verme, que atacam os globulos vermelhos, provocando uma anemia rapida.

A esse typo de molestia pertencem precisamente a *distomatose* hepatica (podridão ou cachexia aquosa) caracterisada pela presença do *distoma* no figado e nas vias biliares; a *strongilose* gastro-intestinal, ou enterite verminosa, mantida pela presença do strongilo (pequeno verme redondo) no estomago e intestino.

A primeira fôrma é mais frequente na primavera e no outono, todavia a segunda se desenvolve com especial frequencia no verão: quanto aos symptomas (e a therapeutica) são mais ou menos identicos, excepção feita de uma maior gravidade de que se reveste subitamente a fôrma estival, de que trata com muita largueza a monographia já referida.

Os animaes accommettidos da molestia, especialmente quando esta data de algum tempo, mostram-se macambusios e emmagrecidos, têm a lã erriçada, a massa muscular mais flacida, e comem com menos appetite.

Toda a mucosa apparente mostra-se mais pallida e descorada, e, os vasos superficiaes e visiveis parecem transparentes, sendo que o sangue que nellas circula é pobre de seus elementos figurados.

Muitas vezes no canal intermaxillar nota-se como um edema pastoso, que demonstra o extremo gráo de fraqueza.

Se o animal morre e não pratica-se a necropsia, tem-se em primeiro logar todo o quadro da anemia; também incidindo-se os vasos não se obtem senão um liquido amarello pallido, quasi semelhante ao sôro do sangue.

Com os signaes da anemia da pelle, dos musculos e parenchymas se acham as lesões proprias das localisações parasitarias que se assestam no figado quando se trata de distomatose, na mucosa gastrica e enterica, quando de strongilose.

No primeiro caso se encontra a feição evidente da cirrhose vulgar ou atrophica do figado, sclerose do connectivo hepatico, degeneração do acino glandular e a presença dos distomos no liquido amarello verde-doengo que enche os canaes biliares.

Na strongilose, encontra-se toda a mucosa do intestino delgado espessada, fortemente marchetada e ondulada, com soluções numero-

sas, de continuidade, e é evidente allia presença de um liquido mucoso filante, misto de dectritos alimenticios, numerosos strongilos e, eventualmente, de tricocephalos e uncinarios.

Essa molestia, especialmente na sua segunda fôrma, é muito insidiosa e póde estender-se de tal maneira até comprometter á criação, perdurando o estado enzootico no local de desenvolvimento por causa do ciclo reproductivo do verme parasitario.

Por esta razão, uma vez verificada a presença da molestia em um dado centro de criação, dever-se-ha agir, dentro dos limites da possibilidade, no sentido de impedir a molestia na sua marcha geralmente fatal, e no de que a mesma possa repetir-se para o futuro.

Para tal fim, logo que se ponham de manifesto os primeiros symptomas da molestia, evite-se deixar os ovinos irem ao pasto ou ás circumvizinhanças do local reconhecidamente infecto, mantendo-os em logar fechado e salubre, administrando-lhes alimentos muito nutritivos, havendo a escrupulosa cautela de separar á distancia os individuos doentes dos suspeitos de o serem.

Desta prophylaxia, simples mas utilissima, resulta que, muitas vezes, se consegue sopitar a molestia nos seus primeiros passos e tanto mais quanto além de uma alimentação intensiva e corroborante dada ao animal, se lhe junctam tónicos e convenientes desinfectantes intestinaes.

Será, assim, optima norma dar aos doentes mistura de aveia, cevada, farelo, farinha de nós de aveia, na proporção de cinco a oito grammas *per capita*.

Tal medicação deverá ser prolongada por oito dias consecutivos, interrompida por um periodo igual de tempo, e recommçada e continuada da mesma maneira por outros tantos dias.

Os americanos aconselham a agua creosotada, na proporção de 10 grammas por litro, sob a fôrma de beberagem que os ovinos doentes geralmente acceitam sem oppôr difficuldade alguma.

Para o mesmo fim, aconselha-se agua ferruginosa, que se prepara muito facilmente, pondo em uma conveniente proporção d'agua um pedaço de ferro enferrujado, havendo o cuidado de escoal-a de quando em quando.

Além disso convém impedir a conservação e a propagação da molestia; e para tanto (é bom advertir), as fezes dos animaes doentes não devem servir para estrumação dos campos que se cultivam.

A agua e os pratos suspeitos, serão desinfectados por meio do sulfato de ferro, e a agua estagnada e os logares pantanosos suppressos.

Os logares notoriamente contaminados e que não possam ser facilmente expurgados, serão destinados a outro fim que não o da criação dos ovinos, ao menos por um espaço de tempo necessario para eliminação do ovo e da larva dos vermes em questão.

DR. ACHILLES RIGODANZO,
Medico hygienista veterinario.

Ilex mate paraguayensis

CULTURA MODERNA E NOVOS MERCADOS

Max Joseph Schumann

Uma das principaes industrias do interior dos nossos tres Estados do Sul é a da herva mate.

Infelizmente até hoje este ramo da industria, desde a derrubada da folha até a mercadoria prompta, é tão primitivo que a herva mate por emquanto não poudé conquistar muitos mercados, como ella merece.

O mate como mercadoria tem hoje a sua unica sahida sómente para os nossos visinhos, republicas do Sul, mas ignora-se quasi completamente este importante producto das nossas mattas virgens no mercado universal.

Eu julgo uma tal centralisação da venda n'um unico mercado pouco util, e mais ainda para não deixarmos aos nossos primos transplatinos elementos para prejudicar o nosso desenvolvimento commercial seja onde e como fôr.

Está bastante conhecido o systema do Governo argentino de procurar mercado e sahida para os generos do paiz e fazer o possivel para fechar o mercado proprio aos generos estrangeiros e tornar-se independente da industria internacional.

Um destes generos cuja importação o Governo argentino quer supprimir é a nossa herva mate. Ha annos os argentinos estão estudando os meios de cultivar-a no proprio paiz e se conseguirem realizar isso, a nossa exportação de mate vae soffrer um damno consideravel.

Para realizar-se isto não é necessario a ligação das provincias de Corrientes e de Gran-Chaco, onde sem duvida a herva mate produz tão bem como no Paraguay e Brasil, com a rede das estradas de ferro da Republica.

Si os nossos vizinhos do Prata realizarem o projecto dessa cultura, perderemos não só o nosso melhor e primeiro consumidor, como também o producto por falta de mercado vai soffrer uma baixa do preço, consequencia, que na actual situação da industria da herva mate, sendo ella para extensos districtos dos nossos tres Estados, o unico meio de subsistencia, quero dizer, uma crise economica para milhares de brasileiros e um prejuizo enorme para a fazenda nacional.

E' o nosso dever procurar todos os meios de evital-a.

Mas mesmo não podendo realizar o Governo argentino as suas idéas sobre a cultura da herva Congonha, sempre vale a pena procurar novos mercados para um genero tão importante.

A consequencia de um mercado novo, grande e fiel, será uma constante alteração do preço do producto.

A minha opinião é que a herva mate deva-se tornar um genero no commercio universal, como o nosso café, fumo, borracha, etc., etc. As suas excellentes qualidades hygienicas qualificam-n'a para isto.

Na velha Europa, por exemplo na Allemanha e na Austria, ignora-se quasi completamente a sua existencia. Encontra-se ella sómente nas pharmacias como o «grinner Thee» — chá verde — e na industria technica para a fabricação de tinta.

Eu estou convencido que dos 100 milhões Allemães e Austriacos nem a millésima parte já uma só vez tomou um chá de mate.

Mas, para poder conquistar estes dois importantes mercados ou qualquer outro de além-mar, para ser conhecida e procurada no commercio são necessarias duas cousas :

Beneficiar o producto e fazer o necessario reclame.

Sustentando a Republica Brasileira as mais intimas relações commerciaes com o mundo velho, é muito natural lembrar-se primeiramente deste como mercado novo.

Em vista da enorme importação de quasi todos os artigos da industria é muito justo procurarmos os meios de remetter em lugar de dinheiro um outro equivalente.

O nosso café, fumo, borracha, algodão e madeiras são artigos bem acreditados no mercado europeu, mas cada um encontra concurrencia lá, seja da Asia, Africa ou Oceania. Vamos conquistar aquelle mercado para nosso mate, que nasce só nas nossas zonas, nos nossos territorios, e que não tem concorrente no mundo inteiro, porque o chá da India, em vista do grande valor hygienico, não parece mais concorrente d'elle, como talvez o café ou o chocolate.

A tal conquista não é tão difficil como parece, e sendo importado

nos dois paizes, dos quaes já fallei, temos com uma população tão grande um mercado, que vale vinte vezes mais do que o de La Plata.

Cada Europeu é consumidor de chá, seja de que nacionalidade elle fór. O maior gasto sem duvida fazem a Russia e a Inglaterra, mas justamente estes dois paizes produzem no Sul da Siberia e nas Indias tanto chá preto, que para elles, a nossa herva mate, será considerada um concorrente desagradavel.

Com os Russos e os Inglezes não podemos contar, mas com os outros povos que por emquanto a ignoram.

O reclame deve tornal-a conhecida e procurada. Quero dizer poucas palavras a respeito do necessario reclame. O effeito deve ser como uma suggestão.

A vista deve encontral-a em toda parte e continuamente. O reclame impresso deve ser acompanhado de uma propaganda viva e intelligente. Para isto o moderno e atilado commerciante tem innumeros expedientes.

Uma casa especial de chá em Londres, por exemplo, dá a cada comprador de um kilo de chá, como presente, um relógio despertador. Uma casa hamburgueza offerece como brinde animaes antidiluvianos, collecção de grande valor artistico e scientifico. Da fabrica de chocolate de Stollwerk Irmão na cidade Elonia existem series de figuras, descrevendo a vida humana sob qualquer ponto de vista e em qualquer sentido. Essas preciosas series, como tambem as da casa Liebig, Companhia de extractos da carne bovil, ficam colleccionadas orgulhosamente e regateadas como os sellos ou bilhetes postaes com vistas.

Quando eu voltei da guerra dos Boers, uma casa forte de Nova York mandou distribuir em todas as grandes cidades da Allemanha a cada familia, gratuitamente, dois pacotes dos seus generos alimenticios. Certamente uma reclame carissima, mas o artigo ficou conhecido e introduzido d'um momento para outro no mercado allemão.

Da mesma fórma devia-se fazer a reclame e a propaganda para a nossa herva mate.

Actualmente reina nas terras teutonicas uma propaganda forte contra o abuso do alcool.

Sociedades como os Tempereuzler, ou os Gosttempler, têm por fim supprimir o enorme consumo das bebidas alcoolicas e fazer propaganda para as bebidas saudaveis de qualquer qualidade, mas sem alcool.

Eu já tive a idéa de abrir nas principaes cidades botequins analogos aos cafés, mas sómente para consumo da herva mate. Não realizei este projecto por dois motivos:

Primeiro, convenci-me, que seria bastante difficil para os allemães acostumarem-se ao gosto da fumaça, que a nossa herva tem, e segundo fiquei convencido que a economica senhora allemã não podia resolver-se acceitar a herva mate no seu *repertoire* da casa, porque em comparação o chá da India parece mais vantajoso. Uma colherzinha de chá dá a mesma quantidade de bebida do que uma concha de herva mate.

A differença do preço dos dois generos julgo deve ser insignificante.

Hoje sei como se pôde evitar estas inconveniencias do nosso producto.

Estudando a historia da industria do mate, logo veremos que ella ainda hoje se acha na mesmas condições primitivas, como os portuguezes a encontraram na época do descobrimento do Brazil.

Geralmente nada foi feito até hoje para aperfeiçoal-a. Mas julgo nosso dever moral aproveitar os progressos da tecnologia e das sciencias, para bem do nosso paiz.

A familia da «Ilex» deve ser encorporada ás nossas plantas de cultura, quero dizer no lugar de aproveitall-a como planta silvestre no mato; temos de começar a plantall-a nas nossas roças. As insignificantes despezas logo ficarão recompensadas pelo augmento das safras e aperfeiçoamento das qualidades.

Não me refiro aos conhecidos empenhos da Companhia Horticola no Rio Grande, que ha mais de 10 annos está criando as arvores de sementes.

Isto leva tempo e custa caro.

Durante os longos annos, que trabalhei na mata, observei que esta semente para germinar precisa de muito ar e luz. Abrindo muitas picadas encontrei as arvores muito isoladas; voltando mezes depois pelos mesmos caminhos, contei centenas de arvoresinhas na beira das picadas e de uma altura de 3 a 4 palmos.

Isto provou-me que a semente não encontrando as já mencionadas condições pôde permanecer annos na terra, sem deteriorar-se e perder seu poder germinal. E de facto a semente da Ilex é uma destas, que levam muito tempo para brotar, mas pôde-se apressar este processo por um banho de 60°.

Então uma cultura moderna, como eu a julgo, custaria pouco. Tiram-se nas matas as mudas — renovos e arvoresinhas — e plantam-se nas terras destinadas e devidamente preparadas.

Os colonos nos campos do Paraná estão aproveitando este systema, já ha annos, e o viajante encontra ao redor das casas as necessarias

árvores para o consumo da família. Assim, o homem poupa o custoso trabalho de juntar o material no mato.

Mas justamente aqui quero propor um novo systema. Isto é, de não plantar a arvore isolada, talvez no potreiro e deixal-a crescer á vontade, e proponho plantal-a em densas sebes e não deixar passar uma certa altura.

O actual modo de subir ás arvores e cortar os ramos com o facão tem grandes inconvenientes.

O trabalhador além de enganar-se na grossura dos ramos, demora muito para separal-os. Assim mistura a madeira com as folhas e fica torrada e moida junto. Ramos mais grossos do que um lapis de pão não podem melhorar a qualidade do producto. Isto é impossivel. Incontestavelmente não só as folhas têm os ingredientes hygienicos e agradaveis. Os renovos e os ramos finos têm-nas tambem, mas tornando-se um broto madeira dura, certamente tem de desaparecer a natureza da materia das folhas. Os brotos e raminhos agradam ao paladar, a madeira moida, porém, prejudica-o. Senão podia moer-se o pão inteiro e beber o mate.

Facto conhecido é, que cada planta, que fica semeada muito densa ou plantada em sebes, permanece sempre fina e procurando ar e luz, torna-se bastante alta. Não deixando crescer, ella procura extender-se para os lados e assim vamos ter nas nossas sebes de herva-mate ramos compridos e finos.

O systema actual permite sómente de tres em tres annos a colheita nas mesmas arvores aos carijueiros; o moderno systema permittirá, ao menos, uma vez por anno. Então melhora-se não só o material, mas multiplica-se tambem a colheita com menos e mais facil trabalho.

Estas não são as unicas vantagens.

A cultura em sebes proporciona um producto bom.

Nas nossas matas não existe uma só especie da herva Congonha como os brasileiros tratam-na vulgarmente. A sciencia natural conhece a *Ilex paraguayensis*, *Ilex gigantea*, *Ilex ignipunctata*, *Ilex Humboldtiana*, *Ilex Bomplandia* e mais outras. As mencionadas são d'um paladar agradável e saboroso. Entre as outras especies da familia *Ilex* encontram-se tambem arvores de qualidades inferiores e dum paladar muito amargo. A mais conhecida destaservas é a herva Caúna, descoberta e classificada pelo sabio Bompland, como *Ilex amara*.

As folhas dellas misturadas com as outras em pequena quantidade podem augmentar o paladar agradável, mas o sertanejo pouco, impor-

ta-se, elle não repara na qualidade ; só tem interesse na quantidade, e corta e mistura, o que encontra na mata. Com a mistura de folhas da *Ilex* amarga como as da herva de Anta elle estraga o agradável paladar da herva-mate.

O cultivador certamente não plantará qualidades inferiores.

Economizando com uma cultura moderna não só muito trabalho, como augmentando a quantidade da colheita e melhorando a qualidade, dá a garantia duma mercadoria limpa e pura. Este systema evita-nos tambem o máo gosto da fumaça.

Actualmente a herva passa dois fogos : fica separada e carejada e com este processo enfumaçada. Na cultura por mim proposta torna-se desnecessario o transporte da herva ganchada da mata para o engenho, porém as novas culturas vão-se estender ao redor das fabricas, que devem ser montadas comapparelhos modernos em substituição dos corijos. Estes fornos norte-americanos são os mais aperfeiçoados e baratos, seccam em poucas horas por meio dum calor secco, alguns mil kilos de maçãs, etc. A fumaça, sem tocar na fruta, sae em baixo.

Eis aqui o melhor beneficio da nossa tão importante mercadoria. A herva-mate assim preparada vai agradar ao paladar europeu.

Para illudir a economica dona de uma casa européa temos tambem um meio muito simples. E' desnecessario lançar a herva bem moida ou folhas no mercado. Chocolate, café e muitissimas conservas ficam hoje no commercio offerecidas em fórmulas de ladrilhos ou cubos, dando cada um, conforme uma menor ou maior porção de alimento prompto.

O major, medico do exercito allemão, Dr. Mansfeld, estacionado na Colonia Kameruns na Africa occidental, já realizou esta ideia particularmente. Elle manda fazer na Storchapotheke (Pharmacia da Cegonha) em Dresden, Saxonia, pastilhas de Jerbina, extracto da herva paraguayana com assucar, refresco tão agradável e saudavel, quanto commo e barato. O cento destas pastilhas custa um marco e 50 pfennig, ou ao cambio de 15, 1\$178 réis. Resultando essa fabricação completamente da iniciativa particular do já citado major medico, ella sempre prova o interesse mais vivo, que reina e existe nas rodas mais habéis da administração do exercito allemão, de experimentar e provar tudo o que é bom e pôde ser util na alimentação dos corpos dessa força militar.

Sendo possivel fazer-se o exercito allemão consumidor do nosso producto silvestre, depois pôde-se dizer simplesmente, está conquistado o mercado allemão, ou, em algarismos, 60 milhões de homens.

Para uma tal conquista julgo necessario mais ou menos uma experiencia como fez a já mencionada casa norte-americana. Porém reina neste exercito o costume de experimentar as novas mercadorias alimenticias num corpo inteiro do exercito durante algum tempo, para poder assim estudar escurpulosamente os effeitos.

Contaram-me que as praças allemães levam comsigo uma especie de rapadura; igualmente pôde ser acceito para o rancho militar um ou dois ladrilhos de herva comprimida.

Muito proprio para o estabelecimento de taes plantações julgo, por exemplo, o interior do Estado de Santa Catharina, mais ou menos um kilometro distante do littoral, porque o salitre dos ventos do mar prejudica muito a qualidade do mate e mesmo no interior procuraria eu lugares abrigados dos ventos orientaes.

Eis aqui, em poucas linhas, ideias talvez faceis de dar, entregue a direcção a pessoa habil e perita neste ramo da nossa industria, um novo impulso ao artigo, que merece, por causa das suas excellentes qualidades, todo nosso interesse.

Laguna, aos 17 de novembro de 1906.

M. J. SCHUMANN

Parceria Agrícola

Dizem alguns fazendeiros que tarde appellamos para a — parceria, — pois os colonos, devido aos preços actuaes, não a acceitarão.

Por que não acceital-a, si com esse contracto ganharão mais?

E é o que pretendemos provar.

Exemplifiquemos. Uma familia de colonos que trata de 7.000 caféeiros a 70\$000 por anno, por 1.000 pés, dando 5 carpas (que são as regulares de todas as fazendas), terá ganho 350\$000.

Esses 7.000 pés produzindo 954 alqueires (de 50 litros) a 500 réis, ganhará 477\$000, mais 350\$000, igual a 857\$000.

Estando os caféeiros com carga regular, um homem colherá na média 4 alqueires por dia.

Ora, uma familia que trate de 7.000 pés e composta quasi sempre de 3 pessoas poderá colher 900 alqueires em 3 mezes.

Porém que colha no minimo mesmo os 954, vê-se, pois, que o salario do colono, em um anno, foi de 857\$000

Ha tambem o salario de um ou outro dia em que elle trabalha como camarada, a chamado do fazendeiro, e ha tambem o serviço de recolher

café secco á tulha; mas, estas duas quantias pouco influem no augmento da somma acima, por serem insignificantes.

Vejamos agora quanto ganharia o colono pela parceria.

Os 954 alqueires produziram 516 arrobas, as quaes deram liquidas 3:152\$150. A metade, 1:576\$075 será do parceiro, que pagará dessa quantia 492\$600 ao fazendeiro, sendo 286\$200 pela conducção, lavagem, sécca e recolhimento á tulha dos 954 alqueires a 300 réis, e 206\$400 pelo beneficio das 516 arrobas a 400 réis.

Deduzindo-se de 1:576\$075 — 492\$600, restam 1:083\$475.

Veja-se a differença de 1:083\$475 para 857\$000: é igual a 226\$475, a mais para o colono.

Ainda mesmo que o colono pela parceria ganhasse o mesmo que ganha actualmente ou ainda menos, seria preferivel, porque o salario será garantido pela propria natureza do contracto de parceria.

E' preciso o colono considerar ainda o seguinte: que no exemplo veridico que acima apresentamos não tomamos por base a producção média das nossas boas lavouras, calculada em 80 arrobas por 1.000 pés, pois, no nosso exemplo. a producção foi de 73 arrobas.

Necessario tambem se torna que o colono considere o seguinte: pela parceria, a média annual augmentará e será de 100 arrobas e mais por 1.000 pés, porque elle tratará muito melhor do cafésal.

Todo o fazendeiro sabe que, durante a colheita, ha dias em que se pára com a mesma, devido á chuva ou para não se damnificar a florada.

Ora, sendo de parceria, o colono aproveita esses dias para espalhar o *cisco* nos seus talhões, já colhidos: dahi, quantas melhoras para o café-eiro, pela indiscutivel vantagem de se espalhar cedo a varredura.

Pelo actual systema do braço assalariado (unico no mundo!), o colono, nesses dias, não se dedica ao serviço, ou porque está com desejos de permutar o talhão, ou porque pretende mudar-se da fazenda.

Ainda não é tudo: no fim da colheita, enquanto o director não procede á nova contagem e repartição dos talhões, para entregar aos colonos (que raramente permanecem com o mesmo), perdem elles alguns dias de trabalho, o que muito prejudica o cafésal.

Como parceiros, finalizada a colheita, estariam elles cuidando dos cafésaes (por serem os talhões determinados pelo contracto) e além disso fariam boas carpas, batendo bem o matto, aprofundando a enxada, etc.

Que enormes beneficios não adviriam dahi para o café-eiro!...

E' necessario consignar ainda que, pelo actual systema na colheita, por maior cuidado que se tenha, perde-se sempre café no cafésal, e não

pouco; porém, pela parceria, os parceiros colheriam os grãos, um a um, como se fossem perolas.

Pela parceria a colheita será do seguinte modo: cada parceiro colherá o seu talhão separado, o que vem a augmentar o trabalho de transporte para o fazendeiro.

Depois de beneficiado todo o café, metade é do fazendeiro e metade será repartida aos colonos, proporcionalmente ao numero de alqueires que cada um colheu.

Enumeremos algumas vantagens da parceria :

1.^a A infallivel alta do preço do café.

Pela parceria os commissarios ficam livres do fornecimento de dinheiro para o custeio, ficando, portanto, perfeitamente aparelhados para resistirem e imporem o preço aos especuladores.

2.^a O fazendeiro, ficando livre desse *tonel das Danaides*, que se chama custeio, e dos juros deste, venderá o seu café na sua propria fazenda ou onde mais lhe convier.

3.^a Ao contrario do que muitas pessoas pensam, os credores hypothecarios não se opporão a que o fazendeiro faça parceria, porque sabem que o seu devedor ficará com a metade da safra livre.

4.^a Ao proprio Governo esta medida trará grande economia na verba immigração; porquanto, durante 4 annos, o tempo do primeiro contracto, os colonos estarão fixos ao solo, e esse periodo de estabilidade prolongar-se-ha por muitos annos, porque, com o infallivel bom resultado, findos 4 annos, o parceiro celebra novo e identico contracto.

5.^a O credito que o parceiro gozará perante o seu fornecedor de generos, o qual não terá receio de lh'os fornecer, porque sabe que, finda a colheita, elle tambem tem com que pagar a conta.

Hoje, o colono que está numa fazenda que paga com pontualidade ainda goza de algum credito, mas o que está em fazenda onde os pagamentos estão atrasados não tem credito para um real. Ainda mesmo que elle seja honesto e trabalhador, que valem estas duas qualidades para o negociante, si o fazendeiro não pagar o colono?

Estas são as vantagens que sem estudos, cogitações ou pesquisas, resaltam, á primeira vista, a todo aquelle que pensar em parceria. Mas, se nos dessemos a esmiuçar, veriamos que muitas são as vantagens reciprocas, a parceiros e patrões, resultantes da parceria.

Além da parceria precisamos de outras medidas: — reducção de tarifas, diminuição de impostos estadoaes e municipaes, diminuição do imposto de 11 %, bancos de custeio rural, syndicatos, cooperativas, armazens geraes, etc.

Actualmente uma arroba de café fica para o fazendeiro, posta em Santos, em 6\$338; desde que entrem em realidade as medidas acima referidas e cogitadas, acontecerá que essa arroba de café nos ficará em Santos mais barata e, aproveitando-se dessa circumstancia, o comprador dirá: o fazendeiro agora paga menor frete, menores impostos municipaes, abaixemos ainda mais o preço; é o que succederá. Sim, porque nós pensamos que a causa principal da baixa do preço do café não é sómente superproducção e sim a nossa fraqueza pecuniaria, corroborada pela nossa dependencia para com o commissario, por causa dos adeantamentos de dinheiro para o sorvedouro custeio.

Precisamos de uma medida previdente que nos garanta a estabilidade do futuro. Essa medida, a unica efficaz, salvadora dos mutuos interesses de colonos e patrões — é a parceria.

Num anno de pequena colheita, que garantia tem do parceiro, o fazendeiro, para o cumprimento do contracto?

Dizem aquelles que isto objectaram, que o parceiro sahirá ou fugirá da fazenda, para não fazer a colheita.

Respondemos. Pelo systema actual, o colono não colhe café nos annos de pequena safra? Colhe, sim.

Que é que o obriga a isso?

A multa que elle pagará si sahir da fazenda, sem justa causa, antes de completar o anno, isto é, sem terminar a colheita.

Os fazendeiros sabem perfeitamente que, em vesperas de colheita pequena, o colono incorrecto colhe cuidadosamente os seus cereaes e, depois de estar com elles enceleirados, procura pretextos, os mais injustificaveis e absurdos, para não colher café; alguns chegam até a insultar o fazendeiro ou o administrador, para, por esse motivo, serem *despachados*, porque quando são despedidos não pagam multas... E vão se contractar numa fazenda que tenha colheita grande.

Por que é que se estatuem as multas actualmente? Para cohibir esses abusos.

Assim, o contracto de parceria deverá ter uma clausula, pela qual o parceiro se obrigue a depositar em mãos do fazendeiro um tanto por cento, em dinheiro ou mesmo em café, para a garantia do contracto. E como em todo o contracto ha obrigações reciprocas, o fazendeiro, pelo seu lado, ficará sujeito a multas, desde que deixe de cumprir qualquer clausula.

Cremos ter respondido satisfactoriamente á primeira objecção.

Passemos á

2.^a Pela parceria como se manterá a ordem na fazenda? Pelo mesmo systema que se faz actualmente.

Quando o colono pratica um pequeno delicto, não paga quantia proporcional ao damno causado? E quando elle commette um crime? Não recorremos á autoridade policial?

Como poderá aceitar parceria o colono novo que, portanto, não tem ainda recursos adquiridos? E' outra objecção que nos farão.

Empreiteiros sem recursos não formaram milhões de cafeeiros, com o contracto de receber a importancia no fim dos quatro annos? Com que se mantinham? Sómente com o producto da venda das sobras dos cereaes.

E na parceria o caso é differente, porque, si alguma difficuldade existir, será no primeiro anno, mas, o parceiro encontrará negociantes que lhe forneçam generos e dinheiro, si d'elle precisar, porque elle tem com que garantir o emprestimo, e essa garantia é o fructo pendente.

Mas a parceria é impraticavel, dizem alguns. Por que? Será irrealizavel por pensarem que não a temos no Oeste? Não, no municipio de São Carlos temos cinco contractos vigorando perfeitamente, e são: os das Exmas. Sras. D. Eulalia Botelho de Freitas Pinto, Candida Botelho Braga e dos Srs. João de Deus Pires Ferreira, Casemiro Candido de Oliveira Guimarães e Joaquim Zoti Nery.

No nosso Estado houve, antigamente, em diversos municipios e entre outros, em Limeira, na fazenda Ibicaba, do fallecido Vergueiro, contractos de parceria.

Na actualidade, mesmo no nosso Estado, ao norte: Mogy das Cruzes, Pindamonhangaba, Taubaté, Caçapava, Lorena, Guaratinguetá, Jacarehy, etc., têm parceria. Em Serra Negra tambem existem contractos de parceria. Os lavradores de S. João da Boa Vista, em reunião no dia 11 de maio de 1903, se combinaram para fazer a parceria.

Nos Estados de Minas e Rio, idem. No Estado do Espirito Santo, o systema de trabalho é tambem a parceria, pelo que se lê no livro Chanaan, de Graça Aranha, pag. 13: «A gente trabalhava junto, quem apanhava café apanhava, quem debulhava milho debulhava, tudo de parceria, bandão de gente, mulatos, cafusas... Que importava feitor?...»

Os primeiros immigrants, chegados ao nosso Estado, vieram enajados por meio de contracto de parceria.

A crise tem por causa principal o facto de não ser o café uma cultura annual; toda cultura permanente ou *fixa* soffre, em certos periodos, — crise.

Porque não têm os norte-americanos crises agrícolas? Por que além de serem annuaes as suas culturas, são ellas praticadas mecanicamente. Si num anno, por exemplo, o milho produziu *stock*, no anno seguinte elles cultivarão mais trigo, ou arroz, ou alfafa e menos milho.

Pergunte-se ao polymillionario, o Sr. Rokefeller, o rei do petroleo, si poderá o seu kerozene soffrer crise. Não. Porque elle deixará de extrahil-o. E as suas minas não se prejudicarão por esse motivo.

Diversas são as industrias que estão quasi isentas de crise, por causa da sua natureza especial, entre ellas as metallurgicas, por exemplo, o carvão de pedra, em Inglaterra; si o preço não compensar o trabalho, não extrahem o carvão, e as minas continuam inalteráveis.

A industria da louça, na China, desde que o preço não remunere, não extrahem o barro, e fecham as fabricas.

A industria pastoril, no nosso paiz, nos Estados do sul, não obtendo os criadores preço conveniente por uma manada, deixam-na vagar pelos campos.

As industrias lacticinias, que estão desenvolvidissimas na Dinamarca, e na Allemanha, tambem são, de sua natureza, pouco sujeitas á crise, assim, como no Brasil, nos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catharina, especialmente, onde floresce, entre outras, a da manteiga. Ora, si baixasse o preço da manteiga, a ponto de não pagar o trabalho, que faria o industrial? Deixaria de ordenhar as suas vaccas estabuladas, soltal-as-ia, deixando que, de posse de todo o seu leite, criassem nedios e bellos bezerros.

Li uma vez n' *A Lanterna Magica* de Theodoro de Banville, mais ou menos o seguinte: «Debaixo de um sol abrazador, num areal deserto e esteril, as Danaides, Celeno, Glaucippo, Hypomedusa, Amymonia, Stygnéa e suas irmãs, tristes, abatidas, tiram desesperadamente do rio, de um verde-negro, a agua turva, grossa, enchendo e despejando continuamente suas bilhas, tentam encher os *toneis sem fundo!* Trabalho inutil, infructifero, vão, louco!

Exhaustas de fadiga, desacoroçoadas, por causa daquella tarefa interminada, trabalham já automaticamente. Subito, porém, um mensageiro alado, de cabellos do louro fulvo das abelhas, desce do alto espaço. E' Asterios, o prototypo da belleza, o qual faz um signal com a sua magica varinha de ouro, e... e os toneis se enchem!

O' cabeças sagradas, lhes fala o joven deus, findou o vosso supplicio. Os deuses Titans, triumpharam; a raça Clymena e de Japeto destronou seus filhos ingratos, e libertado Prometheu das algemas, aban-

dono o rochedo em que o abutre lhe devorava o figado. Terminou o vosso martyrio ! Transbordam os toneis.»

Applicando o conto; o systema actual de trabalho são os *toneis sem fundo*, porém o contracto de parceria será o deus Asterios.

Mas, si depois de feita a parceria vier a alta no preço do café, nós perderemos.

Absolutamente, não. Porque acompanhando a alta do preço do café, subirão também os salarios dos colonos, os ordenados de empregados de administração, os generos de maior e imprescindivel consumo, etc., etc.

E isto porque, assim como actualmente, em vista do preço do café, os colonos se conformam com a redução dos salarios, também quando vier a alta no genero elles exigirão o augmento dos mesmos.

Porém, dizem alguns : esta alta de salarios e generos, por maior que seja será menor do que o lucro que o parceiro obtem.

Pois bem, si no tempo do café a vinte mil réis, fazendeiros houve que compraram outras fazendas ou plantaram café em larga escala ou construíram predios de luxo, quer ruraes quer urbanos, ou andaram em *villegiatura* pela Europa ou pelo Prata, houve também muitos que nada disso fizeram. Hoje, aquelles não têm dinheiro, porque o desperdiçaram e estes, que não o gastaram, por que não o têm também?

Outra não póde ser a resposta sinão esta : o dinheiro foi absorvido pelos exaggerados salarios de então.

Affirmam na segunda objecção que, pelo contracto de parceria, a fiscalização da fazenda se augmentará. Contestamos. Quanto ao serviço de carpas, não, porque o parceiro tratará muito melhor do seu talhão, uma vez que o seu maior interesse está em conseguir o maximo de producção.

Na colheita, o parceiro terá o maximo cuidado para não damnicar o caféeiro, fazendo o quanto possivel para não quebrar galhos, e não colherá com varas, o que o *colono* faz toda a vez que se apresenta ensejo.

E os furtos de café ? dizem alguns.

Mas, no que é que a parceria vem facilitar os furtos, si o café ha de ser todo secco nos terreiros da fazenda, si será guardado e beneficiado nos mesmos logares e pelos mesmos processos, pelos quaes são feitos actualmente e tudo sob a immediata fiscalização e administração do fazendeiro ?

Os lavradores bem sabem o martyrio que soffrem todos os annos, devido a falta de braços.

E' em vespuras de finalizar a colheita que começa essa luta titanica, dolorosa e ingloria; este colono dizendo que sae da fazenda porque foi admoestado por causa de uma falta que commetteu, aquelle promettendo fazer o mesmo em represalia a uma multa que lhe impuzeram, aquelle outro porque colheu poucos cereaes e attribuindo isso ás terras diz que... a fazenda não presta, outro ainda porque não lhe adiantaram certa quantia que pediu, e assim arranjam os mais futeis e injustos pretextos.

E os que se compromettem a ficar, em regra geral, tornam-se de uma exigencia intoleravel.

No emtanto, o pobre fazendeiro tem a convicção (e com elle esses colonos) de que aquella reprehensão, feita em termos cortezes, foi justa e indispensavel, de que a multa foi applicada em ultimo recurso e depois do delinquente ter sido advertido e de haver, apesar disso, reincidido, de que si o outro não colheu cereaes com excesso, como de costume, foi porque o tempo não correu bem e não porque as suas terras não sejam ferazes.

Que ha de fazer o fazendeiro para conseguir a permanencia desses colonos na fazenda?

Pedir desculpas a um pela reprehensão, relevar a outro a multa, e com esse proceder implantar a *anarchia* em sua fazenda?

De modo que o proprio colono está convicto de que a multa ou a reprehensão, que lhe infligiram foi justa, mas o Brasil, dizem, é tão grande... patrões não faltam... e, muitas vezes, pelo prazer de deixar a *casa vazia*, certos de prejudicarem os seus proprios interesses, saem da fazenda, falando horrores do fazendeiro.

Assim o lavrador durante o anno debate-se neste angustioso dilemma e si quer ter ordem na fazenda, tem de pôr em execução as medidas referidas, porém, si as pratica, os infractores se *vingam*; isto é, saem no fim do anno.

Não falamos ainda nos muitos colonos que se mudam illudidos, julgando que a mudança concorrerá para melhorar a sua condição, nem naquelles que se deixam embair pelos engodos dos alliciadores.

Onde depois contratar outros?

E quando si os ajusta, quantas despesas não surgem: transportal-os, fazer-lhes adiantamentos, etc., etc.

E o trabalho e o incommodo que o colono novo dá até se habituar com o systema de serviço, com o regulamento da fazenda?

Pois o contracto de parceria, de quatro a seis annos, fará desappa-

recer todas essas enormes dificuldades, dando ao fazendeiro o início de uma época de paz e socêgo.

Façam aquelles que nos lêem com calma e exactidão os seus calculos e se convencerão da superioridade da parceria em todos os sentidos.

Perguntem aos fazendeiros que têm parceria si são ou não sorprendentes (sic) os resultados obtidos.

O systema de trabalho de parceria é mais antigo no nosso paiz e está mais desenvolvido, do que geralmente se suppõe.

Os lavradores devem se decidir por essa medida — definitiva que, desde o tempo do Brasil-colônia, nos deu esplendidos resultados, segundo se lê na historia do Brasil escripta pelo inglez—Roberto Southey, tomo II, pag. 284.

«A tomada da Parahyba tornou os hollandezes senhores de toda a capitania, que, ao invadirem elles o paiz, achava-se em estado de crescente prosperidade. Pelo lado do sertão eram indefinidos os seus limites e pela costa marcava-os um marco sobre o riacho Taperabú, partindo com Itamaracá, e outro ao norte do Camaratubi, partindo com o Rio Grande.

Era Parahyba a unica villa, tão dispersa a população, que nem aldeias havia, mas na realidade pôde, com pouca impropriedade, a cada engenho chamar-se uma aldeia, sendo de setenta a cem e ás vezes de mais, o numero de pessoas de todas as côres empregadas em qualquer destes estabelecimentos.

Não eram os donos que cultivavam as terras, mas os chamados *lavradores das cannas*, e depois de tirado do assucar o dizimo del-rei, separavam-se tres quintos para o senhor do engenho e o resto ficava ao lavrador».

«Além dos operarios e trabalho jornaleiro, elle tem (fazendeiro) muitas vezes empreiteiros a preço de dinheiro, rendeiros que pagam em especie, e colonos de parceria.» A *Vida Americana*, pag. 118-P, de Rousiers, — traducção de Decimo Junior.

.....
«... a parceria é peculiar á Zelandia e ao Limburgo, tem dado ao occupador foreiro uma prosperidade incomparavel.» A *Hollanda*, de Ramalho Ortigão, pag. 81, 3ª edição.

Os fazendeiros paulistas têm meio caminho andado para conseguir a realização da parceria, porque a maior colônia agricola no nosso Estado é a italiana e essa não estranhará a parceria porque está habituada com ella na Italia, onde tem o nome de *mezzadria*.

Em Ribeirão Bonito existem uns doze contractos de parceria e entre esses os dos membros da distincta familia Braga. Em Jahú: José Pereira Pinto Toledo, José Egydio Toledo, Sra. D. Anna Barros, Srs. Benjamin Martins Mano, Candido Ferreira Dias, Francisco Lima Barbosa e Baptista Reple. Dois Corregos, Francisco Pereira Garcia.

Está provado que pelos actuaes preços os colonos pela parceria ganhariam mais; admittindo, porém, que o preço do café soffra ainda uma baixa, mesmo assim o parceiro tirará resultado, porque o capital delle é o seu braço. E não será sómente do café que elle ganhará e sim da industria pecuaria, que poderá explorar em maior escala, porque, como parceiro, terá maior quantidade de terras para o cultivo de cereaes, e tambem da venda destes auferirá lucros.

Como se sabe, a producção média do Estado do Rio por mil pés é de vinte arrobas e a do Estado de S. Paulo é de oitenta.

Pois, em vista do preço baixo e insignificante producção, já deveriam estar em hem completo abandono as lavouras fluminenses.

No entanto permanecem.

Qual a causa? — A parceria.

Julgamos desnecessario transcrever nestas columnas contractos de parceria, porque o de um fazendeiro não póde servir para outro, da mesma fórma por que os actuaes contractos não são e não podem ser eguaes, uma vez que o *meio* physico differe de uma propriedade para outra.

Todavia, os contractos de parceria deverão ser modelados por uma mesma norma, modificando-se, no entanto, as clausulas que forem necessarias para que elle se adapte ao *meio* em que vae ser executado.

Assim, por exemplo: aos fazendeiros de S. Manuel, devido á sua phenomenal producção, não será conveniente dar a metade ao parceiro e sim de tres partes uma.

Porém, os lavradores das zonas de producção decadente, ou de terras ruins, deverão fazer o inverso dos daquelle municipio.

Além das vantagens pecuniarias advenientes do contracto de parceria para as partes, pelo lado moral e social terá o operario feito uma grande e gloriosa conquista: pois, de simples empregado, passará a ser socio de uma propriedade agricola.

E' um systema de trabalho que estimula, eleva, ennobrece e dignifica o colono.

Em 1 de julho de 1903 disse no seu segundo discurso, no Senado, o Sr. Dr. Alfredo Ellis: « A principal causa da desvalorisação do precioso producto é a nossa fraqueza, a nossa impotencia para defendel-o!

Os exportadores descobriram a *falha da nossa organização agrícola* e... aproveitaram-se della, com sagacidade, para nos reduzirem á triste condição de servos de gleba, de verdadeiros escravos.»

A parceria não é, como alguns pensam, recurso de fazendeiro sem meios para o custeio e nem tão pouco é ella sómente propria para os pequenos lavradores, pois, dos diversos fazendeiros que têm parceria e aos quaes já nos temos referido, alguns são grandes agricultores e desonerados de dividas todos elles. Em Rincão, têm parceria os herdeiros do Sr. Dr. Procopio de Toledo Malta, capitalista.

Estão claras e evidentes as vantagens da parceria applicada á agricultura, e as mesmas consequencias resultantes da parceria agrícola, *mutatis mutandis*, se applicam á industria pastoril. No Estado da Bahia a criação do gado vaccum é feita de parceria, e sobre o contracto entre o criador e o vaqueiro nos diz Euclides Cunha, no seu livro *Os Sertões*, á pag. 125, o seguinte :

«Têm todos, com o vaqueiro, o mesmo trato de parceria resumido na clausula unica de lhe darem, em troca dos cuidados que despendem, um quarto dos productos da fazenda».

A transformação do systema actual de trabalho pelo de parceria é o primeiro passo para resolver a crise.

E' obvio que, ao elaborarmos o presente trabalho, outro não foi o nosso intuito sinão concorrer, embora com fraca parcella, para o esclarecimento da magna e momentosa questão que ora agita, attráe e empolga todos os fazendeiros.

E' intuitivo que não nutrimos a pretensão de ter desenvolvido, estudado e analysado perfeitamente, contractos de parceria — e nem esse foi o fim a que nos propuzemos ao empunhar a penna.

Entretanto, sem jactancia, affirmamos que, no dominio do calculo, o nosso trabalho se approxima da exactidão.

DARIO LEITE DE BARROS.



EXPEDIENTE

HORTO DA PENHA

Situação — Dista da estação da Penha apenas 10 minutos de carro.

Viagem — Tomar o trem na Central, ir a S. Francisco Xavier e nesta estação baldear para a Leopoldina, (linha do norte).

Gasta-se de trem, 40 minutos, e mais 10 minutos de carro.

Despesas — Pelo itinerario acima, 1\$300, ida e volta, de 1ª classe.

Da Estação ao Horto — A condução é fornecida por este, em commodo carro, gratuitamente, e deve ser pedida, por carta ou telegramma, ao Dr. Paulino Calvanti, superintendente, ou a esta Sociedade, rua da Alfandega n. 108.

Trens — Correm 11 trens de manhã para a estação da Penha, os quaes partem da Central no horario seguinte: 4,30—4,49—6,01—6,59—7,27—8,24—9,23—9,46—10,26—11,23 e 12,23. A' tarde, além dos trens de 1,56 e 3,32, trafegam outros.

Para a volta ha a mesma abundancia de trens.

O Horto — Composto de 20 hectares de terras, sendo argilosas nos altos e silico-argilosas nas baixadas, está dividido em diversas secções.

Gallinheiro — Typo commercial, obedecendo ao systema americano.

Construção economica e que preenche os fins a que foi destinado.

O gallinheiro tem os compartimentos necessarios á criação das gallinhas, nas suas diversas phases.

E' assim que tem o «Isolamento», para as aves doentes, secção para as aves que estão pondo, para a selecção dos productos mais perfeitos destinados á reprodução. Repartição apropriada para guardar ovos. Apparelhos e alimentos especiaes para engordar as aves destinadas ao mercado, alimentos diversos e adequados ao desenvolvimento dos pintos, medicamentos e antisepticos, etc.

Está funcionando constantemente a incubadora.

Tem mais ainda divisão especial para a produção de ovos infecundos para o commercio.

As experiencias nesta secção, visam dois fins: verificar quaes as raças que produzem melhor e mais abundante carne e quaes as que põem mais ovos.

Além do gallinheiro americano dividido nas secções já enumeradas, possui tambem esta secção um gallinheiro portatil, que se arma em 25 minutos.

As vantagens desta installação consistem em facilitar ás aves colherem por si as hervas, terem maior área de piso, etc.

Pocilga — Esta secção destina-se ao estudo da criação e engorda de porcos.

Nesta, como nas demais secções deste Horto, se procura colher, por acurada observação e cuidadosas experiencias, os ensinamentos relativos aos processos mais economicos e mais remuneradores de criação e engorda e portanto, verificar quaes as raças que melhor se adaptam entre nós e quaes os alimentos mais

HORTO DA PENHA



Fruteiras de Conde



Mudas de mangueiras para distribuição



Oityseiros



Um canteiro de alface



Maniçoba



Laranjal

apropriados á estes fins. Existem em experimentação raças nacionaes, norte-americanas e européas.

Apiario — Funcionam 18 colmeias modelo typo Schenc e Blondain.

Esta secção está convenientemente provida dosapparelhos necessarios e entre elles encontra-se: — o centrifugo para a extracção do mel, apparelho de Gouffe, para fazer os favos, derretedor de cêra e apparelho para apanhar enxame, gaiolas para aprisionar rainhas, etc.

Em frente ao Apiario, ao ar livre, está installada a Colmeia Gigante, para a fabricacção de cera e mel.

O Horto distribue gratis enxames e vende a 15\$000 colmeias, typo Schenc.

Redil — Typo simples. O fim desta secção é verificar quaes as melhores raças de ovelhas, para lã e para carne, para serem indicadas aos srs. criadores.

Cocheira — Dividida em duas secções.

Nas baias estão installados os muares e nos estabulos os bois destinados ao trabalho.

O preparo das rações é feito em compartimento proprio.

As rações são compostas de forragens nacionaes e estrangeiras, observando-se quaes as mais appetecidas pelos animaes e as vantagens peculiares a cada uma, pela engorda, força e resistencia que proporcionam aos animaes que dellas se alimentam.

Machinas agricolas — Esta secção dispõe de apparelhos para distribuir e pesar adubos chimicos e organicos, semeiadores de milho, feijão, etc., arrancador de batata ingleza, arados diversos, ditos reversiveis, idem de dois discos, grade de pente, destorroadores, carpideiras Planet, enfeixadores, arados francezes, arados Oliver, etc., etc.

Estas machinas funcionam nas occasiões em que são precisos os seus diferentes serviços.

Estrumeira — Typo simples, de fôssa. O esterco é tractado pelo amoniaco. Seis bois e seis burros estabulados e mais seis bois semi-estabulados, fornecem adubo para toda a area cultivada do Horto.

Nesta secção os senhores interessados verificarão qual a *cama* mais apropriada para fazer esterco.

As gramineas são de preferencia empregadas para aquelle fim, porém, é mister saber-se dentre estas quaes as que devem ser preferidas, porque umas se decompõem mais rapidamente do que outras. Verifica-se tambem qual o processo a empregar para fazer o esterco conservar toda sua riqueza fertilizadora.

Leiteria — Esta secção está provida de apparelhos para analysar o leite e para outros fins, taes são: desnatadeira, salgadeira, e ainda outros mais.

Ferraria — Nella se executam os concertos e reparos que precisarem os instrumentos agrarios.

Carpintaria — Fabricam-se na carpintaria, colmeias, gallinheiros portateis, rabiças de arado, etc.

Posto meteorologico — Com os seguintes apparelhos: Thermometro, Barometro, Anemometro, Anemoscopia, Pluviometro, Evaporimetro e Ozonometro.

Estes instrumentos tem fins diversos, assim, um registra a quantidade de chuva cahida, outro a pressão athmospherica, aquelle a humidade do ar, estes a direcção do vento predominante durante o dia, e força dos ventos etc., etc.

Gabinete de Agrologia — Constando de uma collecção de rochas, adubos, terras, sementes, metaes, munido de uma balança de precisão, microscopio, autoclave e o apparelho de Masure para a analyse physica de terras.

Este gabinete recebe e examina terras, gratis.

Arvores Fructiferas — (Culturas fixas). Fructa de conde, figueiras, laranjeiras, diversas variedades, sapotis, abios, cainito, abacates diversos, mangueiras, ameixeiras, pereiras, macieiras etc.

Vinhedos — Entre as diversas variedades existentes, contam-se as seguintes: Royal Ascot; Witte-Nice, Moscatel de Hamburgo, Hicales, Lydele, Mister Pearson, Moscatel de Alexandria, Golden Queen, Empire State, Mondeuse, Duchess, Chas-selas, la rouge; Alicante Terra, Goethe, Augusta Gigante, Moscatel Rozado, Malaga Rosa, Gross, Perola, Mil-Mild, Hamburgo, Izabel Dourada e Herbe-mont.

O Horto distribue bacellos das variedades que possui, a quem os pedir, livres de quaesquer despesas, inclusive as de frete.

Plantas Industriaes (Textis) — Hennequen e Cizal (que faz a riqueza agricola e fabril do Mexico), Foureroy, Lidney, Sanseviera, Piteira e Algodão.

Nesta secção experimentam-se as fibras para se verificar quaes são as mais resistentes, quaes as mais abundantes, quaes de mais facil extracção, quaes as que mais se prestam a ser trabalhadas, as que dão tecido grosso e as que produzem tecidos finos, as mais adequadas á fabricação de fios, cordas, barbantes etc.

Arvores de Borracha — Hevea Brasiliensis (que é a Seringueira do Amazonas) Maniobas do Ceará e do Piahy), Jequié, Mangabeira, Castillo elastico etc.

Outras Plantas Industriaes — Cannas, sem pello e Macão, Camphoreira e Arvore do Cebo, Mamona de Zanzibar, Côco de Dendé, Eucalyptus, Pinheiros e Mandioca, 16 variedades.

Forragens Nacionais — Entre outras: capim massambará, capim mimoso, gitirana, canna ubá, grama de Pernambuco, inhame, mandioca e outras em ensaios culturaes.

Forragens estrangeiras — Alfafas diversas, entre ellas a da Provence; trevo, theosinto (forragem que não secca com a geada nem com a secca), caupi, beterraba, consolidada do Caucaso, cevada, aveia, Girasol, nabo gigante, feijão da Florida e tremoço.

Estas forragens estão em campos de experiencia.

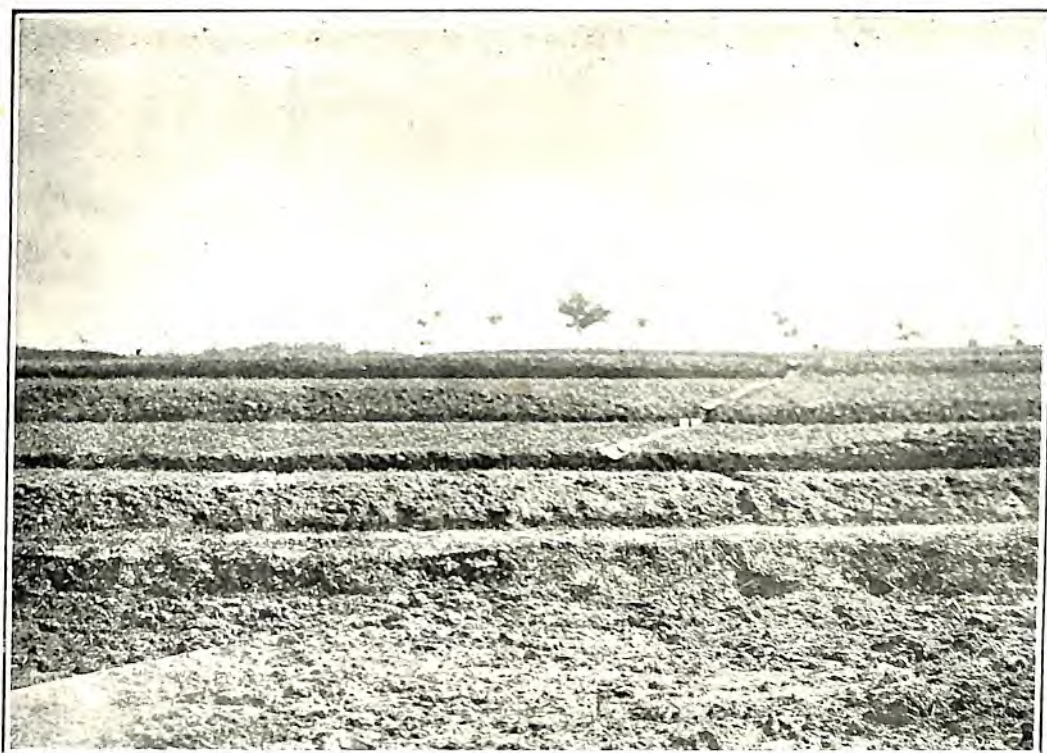
Outras culturas — Trigo, 12 variedades em diversos estados de desenvolvimento. Batata ingleza que produziu em 75 dias.

Culturas irrigadas — Estão se executando as culturas do arroz, do milho e do fumo, pela irrigação artificial, sendo a do arroz pelo processo de *inundação*, milho, pelo de *distribuição* e fumo pelo de *infiltração*.

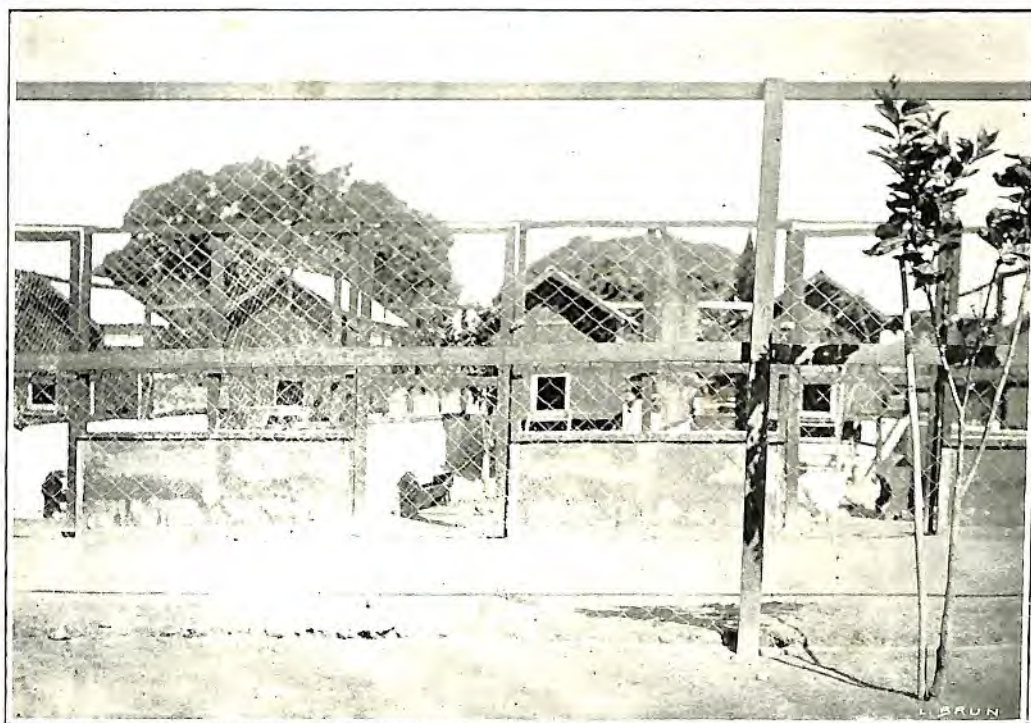
Viveiros de plantas fructiferas — Estes viveiros destinam-se á distribuição de mudas gratuitamente.

Existem para este fim: arvore de pão, abacates (diversas variedades e entre ellas a afamada sem fibra), goiabeira branca, nogueira, jaboticabeiras, abio, cambucá, mangueira, fructa de conde, condessa, jaca, cajú do Norte, variedades banana e maçã, genipapo, Pitomba e laranjeiras.

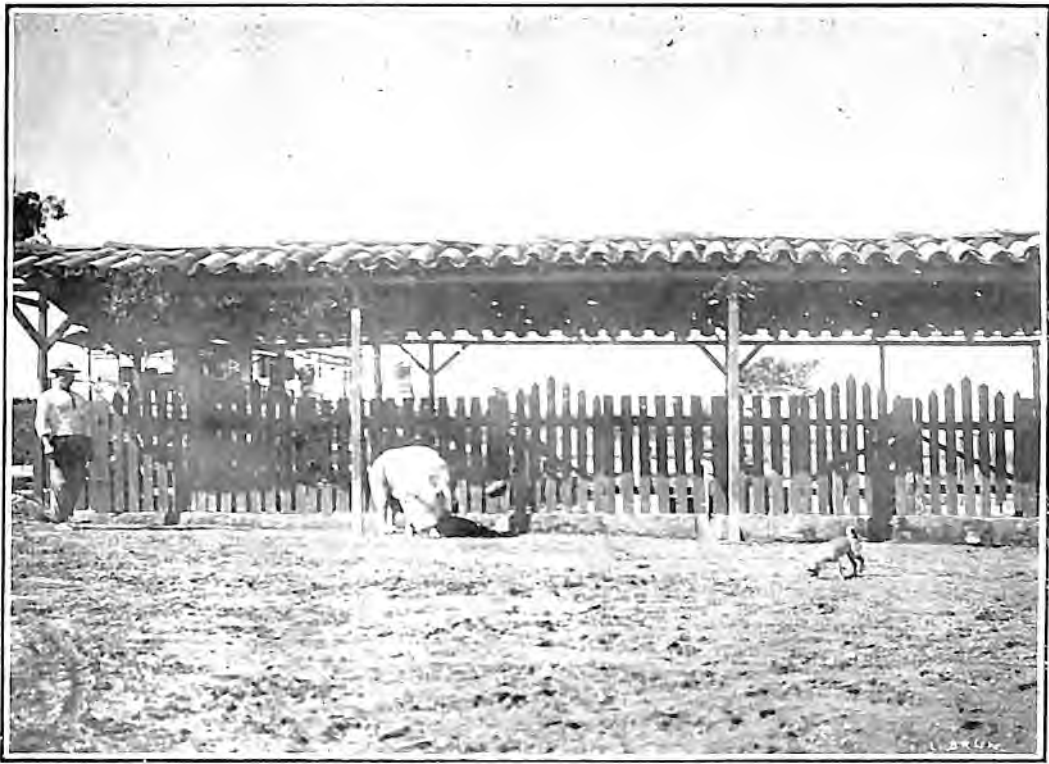
Plantas ornamentaes — Tambem para distribuição gratuita, Eugenia especiosa, saboneteira, magnolia, palmeiras, oiti, carambola, cacaueiro e amoreira que



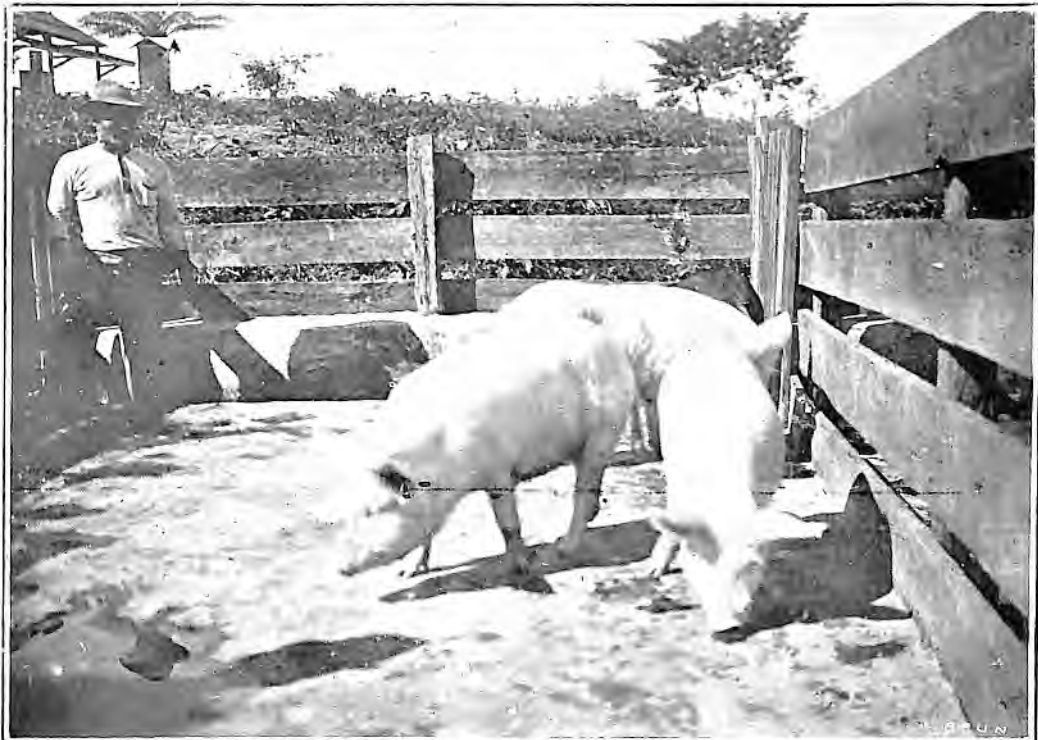
Campos para as culturas irrigaveis



Gallinheiro



Poelga



Crias Yorkshire

são também industriaes, sendo aquella que produz o cacau com o qual se faz o chocolate e esta, cujas folhas alimentam o bicho da seda.

A Amoreira é também uma planta forrageira.

Secção de horticultura. — Legumes diversos em experiencias.

Aprendizado Agrícola. — Annexo ao Horto está installado este apprendizado, que tem por fim o ensino pratico do manejo de instrumentos, enxertia, póda e outros trabalhos culturaes.

Estão matriculados quatro alumnos internos, os quaes são mantidos gratis pela sociedade que admite outros mais.

Visitas e informações. — As visitas podem ser feitas a qualquer hora.

O superintendente, agronomo formado em escola do paiz, reside no estabelecimento e está sempre prompto a fornecer aos visitantes todas as informações.

E' assim que elle mostra as culturas, explica as applicações que devem ter as machinas e fal-as funcionar; enfim, põe os interessados ao corrente dos melhores systemas de cultura e criação etc.

O Horto tem sido muito visitado por lavradores de diversos Estados, fructicultores, criadores de aves, de abelhas etc.

SECRETARIA

MEZ DE JULHO DE 1909

Correspondencia recebida:

Cartas	559	
Telegrammas	8	
Officios do governo	18	
» particulares.	11	
Circulares.	63	659

Correspondencia expedida:

Cartas	168	
Telegrammas	23	
Officio do governo.	12	
Circulares.	1.161	
Diploma	34	
Boletim «A Lavoura»	3.766	5.164

Fornecimento de arame farpado

MEZ DE JULHO DE 1909

Pedidos	49	
Rolos de 40 e 26/0 ks.	1.974	
Metragem	353.080	
Custo no Mercado.		26:628\$000
» pela Sociedade		18:030\$900
Economia para o socio		8:597\$100

Relação dos socios que subscreveram para o distintivo até 30 de Junho

Dr. Antonio Candido Rodrigues	100\$000
Coronel Domingos da Silva Guimarães	100\$000
Manoel José de Oliveira Figueiredo	100\$000
Dr. André Gustavo Paulo Frontin	50\$000
Dr. João Teixeira Soares	50\$000
Theod. Rombauer.	50\$000
David Carneiro & C.	50\$000
Coronel Rodolpho Garcia Adjuto	50\$000
Custodio de Souza Pinto	50\$000
Dr. João Pedreira do Couto Ferraz Junior.	50\$000
Dr. Alfredo Cezar Cabussú.	50\$000
Mark Soutton	50\$000
John A. Finlay	50\$000
Ernesto Mager.	30\$000
José da Cunha Porto.	30\$000
João Gualberto de Carvalho	30\$000
Tobias Ferreira de Mello	30\$000
Coronel Virgilo Augusto Fortes	25\$000
Augusto da Rocha Monteiro Gallo	20\$000
Antonio Gomes Pereira	20\$000
Coelho Duarte & C.	20\$000
Arthur Augusto do Nascimento	20\$000
Abilio de Azevedo Branco	20\$000
M. U. Lingruber.	20\$000
Augusto Lopes de Carvalho.	20\$000
Senador Dr. Francisco Salles	20\$000
Dr. José Romão Carneiro	20\$000
Coronel Caetano Mascarenhas	20\$000
João Bazilio da Costa Pinto.	20\$000
Alipio Guedes	20\$000
João Dierberger	20\$000
Manoel Barboza da Cruz.	20\$000
José Rangel Junior	20\$000
Augusto de Faria Alvim	20\$000
Ozorimbo R. da Silva Castro	20\$000
Coronel Feliciano Benjamin de Souza Aguiar	20\$000
Dr. Bonifacio de Castro	20\$000
Americo Ferreira Leite.	20\$000
Coronel Manoel de Oliveira.	20\$000
Pedro Procopio Rodrigues do Valle	20\$000
Bernardo Belizario da Silva	20\$000
Francisco Augusto de Castro	20\$000
Dr. Julio de Barros Raja Gabaglia	20\$000

Alfredo Villela de Andrade	20\$000
Joaquim Braz Villela de Andrade	20\$000
Arthur Fernandes Dias	20\$000
Dr. H. von Ihering	20\$000
Dr. Alíredo Soares do Nascimento	20\$000
Camillo Martins Lage	20\$000
Alexandre Francisco Pinto	20\$000
Alves Magalhães & C.	20\$000
João José de Araujo	20\$000
José Mendes Bernardes	20\$000
João Moutinho França	20\$000
Coronel Carlos Napoleão Poeta	20\$000
Horacio Teixeira de Souza	20\$000
Adauto Coelho de Lemos	20\$000
Dr. Francisco Marcondes Machado Junior	20\$000
Izidoro Silva	20\$000
Antonio Lopes Fontes Bôa	20\$000
Dr. Feliciano Ferreira de Moraes	20\$000
Dr. João Baptista de Castro	20\$000
Major Antonio de Carvalho	20\$000
Dr. Belizario Vieira Ramos	20\$000
Antonio Pereira Coelho	20\$000
Alvaro Guimarães	20\$000
Cornelio de Andrade Pereira	20\$000
Manoel Pereira Lima	20\$000
Limerio Ribeiro Quintas	20\$000
Coronel Octavio Meyer	20\$000
Arnaldo Joaquim da Silva	20\$000
José Gonçalves Ferreira	20\$000
Dr. Bellarmino Pires	20\$000
Ignacio Rangel de Marins Coutinho	15\$000
Francisco Luiz de Barros	15\$000
José Camillo de Castro Leite	15\$000
Sebastião Gonçalves Fontes	15\$000
Antonio da Cunha Castro	15\$000
Capitão Antonio José Gonçalves	15\$000
Honorio Costa	15\$000
Oswaldo Carneiro Santiago	15\$000
Romualdo Silveira	15\$000
Paulo Charadia	15\$000
Manoel Tavares de Oliveira Bastos	15\$000
Jorge José Fortes	15\$000
João Paulo Ribeiro de Magalhães	15\$000
Simplicio Ferreira da Fonseca Junior	15\$000
Francisco Antonio de Souza Sobrinho	15\$000
Manoel Luiz de Souza Ramos Junior	15\$000
Padre Joaquim Martins Teixeira	15\$000

Leopoldo de Faria Pereira	15\$000
Dr. Eurico Jacy Monteiro	12\$000
D. Francisca Honoria Ribeiro de Carvalho	12\$000
José Francisco de Faria Junior.	12\$000
Dr. Durval Melchiades de Souza	12\$000
Dr. Manoel Acrisio Xavier Bezerra	12\$000
Vasco Navarro.	10\$000
Antonio Fernandes da Costa	10\$000
Domingos de Faria Torres	10\$000
Affonso Alves Pereira	10\$000
Coronel Horacio José de Lemos.	10\$000
José Gomes da Fonseca	10\$000
Adolpho J. Gusman	10\$000
Dr. José Diogo Fortuna.	10\$000
Manoel Lopes da Silva	10\$000
Custodio de Oliveira Machado.	10\$000
Carlos Alexandre Steele.	10\$000
Coronel Joaquim Ribeiro de Avellar.	10\$000
Franklin Eduardo de Cerqueira	10\$000
Amadeu de Queiroz	10\$000
Jayme Gomes de Souza Lemos.	10\$000
Antonio Bellarmino de Camargo	10\$000
Antonio da Silveira Mattosinhos	10\$000
Firmino Ferreira da Costa	10\$000
Camara Municipal da Villa da Pedra Branca	10\$000
Evaristo de Souza Junqueira	10\$000
Marcellino da Silva Tostes	10\$000
Francisco Ignacio Botelho	10\$000
Belizario Duarte da Fonseca	10\$000
Coronel Mathias Xavier Monteiro de Paiva.	10\$000
Victorino Gomes de Avellar.	10\$000
Pedro Gomes Vieira Machado	10\$000
José Januario Carneiro	10\$000
Manoel da Costa Pevide.	10\$000
Jayme de Souza Camargo	10\$000
Manoel José da Cunha	10\$000
Manoel Carvalho do Amaral.	10\$000
Antonio Candido	10\$000
Dr. Henrique A. Leite Guimarães.	10\$000
Joaquim Pedro da Silva.	10\$000
José Alves Pinto	10\$000
Sebastião Theodoro de Souza	10\$000
Dr. Pedro de Souza Bastos	10\$000
Antonio Pinto Corrêa de Lima.	10\$000
Coronel Justiniano Simoens Lopes.	10\$000
Alberto de Andrade	10\$000
Coronel Lopo de Albuquerque Diniz Junior	10\$000

Coronel José Bernardes de Faria	10\$000
Joaquim Reginaldo de Azevedo Werneck	10\$000
João Chrysostomo de Souza.	10\$000
Thomé Junqueira de Andrade	10\$000
Amador Pinheiro de Barros.	10\$000
Joaquim Manoel dos Santos.	10\$000
Joaquim Ribeiro de Oliveira Silva Junior	10\$000
Dr. Antonio Carlos Simões da Silva	10\$000
José de Cerqueira Moutinho	10\$000
João Antunes de Cerqueira	10\$000
João Ferreira da Rosa	10\$000
Miguel Medice.	10\$000
Commendador Bernardino de Faria Pereira.	10\$000
Coronel João Justiniano das Chagas	10\$000
Dr. Manuel Antonio de Azevedo.	10\$000
Francisco Lopes Cardozo.	10\$000
Coronel Gabriel Augusto de Andrade.	10\$000
José Ribeiro Junqueira	10\$000
João Pedro de Alvarenga	10\$000
Dr. José Ferreira Queiroga.	10\$000
Luiz Blane	10\$000
Dr. Rodolpho Fortes Diniz Junqueira	10\$000
Benjamin H. Hunnicut	10\$000
E. Veras Filho & C.	10\$000
Elvidio José Lopes da Costa.	10\$000
Antonio Cactano Marques	10\$000
João Carlos Barboza	10\$000

MUSEU

O Museu que esta Sociedade, de alguns annos para cá, vem com carinho e paciência organisando, passa actualmente por uma modificação radical no sentido de sua installação, augmento e valorisação de seus variados specimens, do que em breve daremos minuciosa noticia illustrada com numerosas gravuras.

SECÇÃO TECHNICA

Informações — Em 12 de julho de 1909. — O Sr. João Souza Vieira pede a opinião desta Sociedade sobre variosapparelhos do Sr. Luiz Bueno de Miranda, destinados á cultura do café.

Os apparelhos do Sr. Bueno fazem optimo trabalho e realisam grande economia, porém é necessario que o terreno seja pouco accidentado e que entre os cafeeiros não haja tocos nem madeiras derrubadas.

Realizadas estas condições, seu funcionamento é facilimo e vantajoso

Os vendedores destas machinas são os Srs. Nathan & Comp., rua de S. Bento 43, S. Paulo.

Em 12 de julho de 1909. — O Sr. Leopoldo da Fonseca Portella, em carta vinda de Boa Esperança, no Estado do Rio — pede informações sobre as machinas de beneficiar arroz «Paulista», dos Srs. Arens & Comp., e as de Engelberg, dos Srs. F. Upton & Comp.

Para se responder com o devido criterio aos 5 quesitos formulados pelo Sr. Fonseca Portella, seria preciso que elle informasse que quantidade de arroz pretende beneficiar e que qualidade de arroz quer produzir.

Penso que para uma installação de certa monta os Srs. Arens & Comp. estão mais habilitados do que os Srs. F. Upton & Comp., mas antes de qualquer resposta seria prudente pedir aos Srs. Arens & Comp. informações particularisadas correspondentes aos tres primeiros quesitos feitos pelo Sr. Portella em sua carta junta.

Quanto ao ultimo quesito, sobre arroz, cumpre-me informar: — que a quantidade maxima que esta sociedade distribue é 40 litros de sementes.

Em 21 de julho de 1909. — O Sr. José Rangel Junior, em carta vinda de São José do Rochado, com data de 5 de julho corrente, deseja saber que raça de gado vaccum mais lhe convenha.

Sem dizer qual o fim industrial que tem em vista, si a exploração da carne ou do leite, dá entretanto a entender que seja este ultimo — o leite.

Assim sendo, deverá preferir a raça Hollandeza ou a Schiwtz.

Deve importar animaes novos, com um anno de idade, ou pouco mais.

O Sr. Rangel pede ainda que se lhe informe onde poderá encontrar a vaccina contra a peste da manqueira e as instrucções e instrumentos precisos ao tratamento preventivo.

Quanto a esta ultima parte, esta sociedade possui uma monographia sobre as molestias que atacam os animaes domesticos.

Intitula-se:— «Molestias de Animaes»; nella ha uma parte sobre a manqueira.

O medicamento é o soro do Dr. Lacerda, que se encontra a venda á rua do Hospicio 76, em casa dos Srs. Fernandes, Malmo & Comp.

O instrumento é a seringa de Pravaz.

Cultura da mandioca — Sobre este assumpto recebemos dos Srs. Lopes E. Rollemberg (rua do Ouvidor n. 79) as informações seguintes:

PESO DA MANDIOCA

1 pé pesou	5
2 pés pesaram.	8
3 » »	5 1/2
4 » »	4
5 » »	4
6 » »	3 1/2
7 » »	6

8 pés pesaram	4
9 » »	4
10 » »	4
—	—
10 » »	48 kilos

ou na média $4^{ks}, 800^{rs}$.

Estes pés foram arrancados em diversas partes da plantação.

Plantio da mandioca — Calculo para os senhores lavradores da zona percorrida pela Estrada de Ferro Rezende e Bocaina.

Um alqueire de terra com $100b^2$ ou 4,84 hectares quadrados, plantado sómente de mandioca brava, vendida, posta no vagão da Estrada de Ferro Rezende e Bocaina a 10 réis o kilo, dá o seguinte lucro.

EXEMPLO

Um alqueire de terra de $100 \times 100b^2 = 10.000 b^2$ ($1b^2 = 2^{ms}, 20^s$) = 48.400 metros.

Plantado um pé em cada metro quadrado = 48.400 pés.

Estabelecendo uma média de oito kilogrammos por pé temos 387.200 kilogrammos a 10 réis = 3:872\$000.

Despezas para um alqueire, b^2	100\$100
Rogar	60\$000
Preparar o terreno	40\$000
Plantar.	30\$000
Rama (transporte 20\$, valor 20\$)	40\$000
Capinas (geralmente 3, a 50\$)	150\$000
Arrancar e amontoar o carro, possa chegar.	300\$000
Despesa fixa	620\$000
Carreto conduzindo cada carro 1.000 kgs., quando costumam transportar 1.200. 387.200 kgs. divididos por 1.000 é igual a 387 carretos. Dando o carro duas viagens por dia temos 193 dias a 10\$000	1:930\$000
Total.	2:550\$000
Lucro bruto	3:872\$000
Despezas	2:550\$000
Lucro liquido	1:322\$000

O mesmo calculo fazendo tres viagens sobre a mesma média de oito kilogrammos por pé são $48.400 \text{ pés} \times 8 \text{ grs.} = 387.200 \text{ kgs. a } 10 \text{ réis} = 3:872\$000$:

As mesmas despesas fixas	620\$000	
Carro com 800 kgs. = $387.200 \text{ kgs.} \div 1.000 = 387$		
carretos a 10\$ por dia de aluguel		1:290\$000
387 dividido por 3 = 129 diarias a 10\$000		
		1:910\$000

Neste caso lucro liquido por alqueire 1:962\$000.

ATENÇÃO

Geralmente os senhores lavradores teem carros, não precisam portanto, pagar o aluguel.

Assim, os carretos serão de 3\$ diarios, sendo 2\$ o carreiro e 1\$ o guia. Neste caso o lucro augmenta e muito, a saber, com duas viagens diarias :
Mesma média $48.400 \text{ pés} \times 8 \text{ ks.} = 387.200 \text{ kgs. a } 10 = 3:872\$000$.

Despesas fixas	620\$000	
Carro com 800 kgs. = $387.200 \div 1.000$		
= 387 carretos, dous por dia = 193		
diarias a 3\$000.	579\$000	1:199\$000
Lucro liquido por alqueire.		2:673\$000

Mesma média com tres viagens por dia:

Despesas fixas	620\$000	
387 carretas $\div 3$, 129 diarias a 3\$000	417\$000	1:037\$000
Lucro liquido.		1:636\$000

Estes calculos foram verificados pelos antigos lavradores da zona da Estrada de Ferro Rezende e Bocaina: Coronel Manoel Pinto Nogueira, Dr. Dario de Paula, major Deocleciano Gonçalves Guimarães e capitão José Vieira Carneiro, administrador do Dr. Aprigio Alves de Carvalho.

Estes calculos são feitos na base de um pé de mandioca em cada metro quadrado, sendo o peso médio de oito kilogrammos por pé ou metro quadrado.

Outras plantações, por experiencia, a quatro e cinco pés num metro quadrado, rendeu quatro pés $\times 4.800 \text{ grs.} = 19.200 \text{ kgs.}$ Verifica-se, portanto, uma differença para mais em cada metro quadrado de 11 ks. e 200 grammas.

A mandioca nestas condições, e vendida tambem a 10 réis por kilo, deixará ao lavrador um resultado de quatro a cinco contos de réis.

A proposito deste assumpto lembramo-nos que a pequena ilha de Java, que já foi outr'ora a maior productora de café, exportou o anno passado 27.000 toneladas de mandioca.

Recebemos da Companhia dos Fazendeiros de S. Paulo, com séde na cidade deste nome, á rua de S. Bento n. 33, sobrado, uma circular com as clausulas referentes á criação da « Previdente dos Fazendeiros », associação mutua em series

de 1.100 interessados, com o direito de assegurar em favor de pessoa ou pessoas, por ocasião de fallecimento do associado, uma certa e determinada quota.

Para o assumpto chamamos a attenção dos interessados, e agradecemos aos dignos directores da alludida companhia a gentileza da lembrança.

Industria da mandioca — A Sociedade Nacional de Agricultura, tendo promovido um ensaio commercial da exportação de *raspas* de mandioca, offerecendo premios a quem preparasse com esse intuito remessas de cinco toneladas, offerece hoje a publicação da seguinte noticia extrahida de uma revista allemã:

Raiz de mandioca, predestinada a substituir a batata — Na estatística official do Governo da India hollandoza de 1908, figuram pela primeira vez os algarismos da exportação da raiz da tapioca, tambem denominada mandioca, *ketelia* ou *kaspe*.

A exportação de Java elevou-se naquello anno a 27.135 toneladas; uma quantidade realmente apreciavel.

A industria allemã tem interesse em acompanhar o augmento da exportação deste artigo do archipelago de Sunda que acompanha *pari-passu* a procura cada vez maior por parte da Europa Occidental, principalmente da França, Inglaterra, Hollanda e Belgica, paizes estes, nos quaes a cultura da batata é resumida.

Até um anno atraz foi a França, por assim dizer, o unico comprador de toda a quantidade de raizes de mandioca, procedente de Java e só houve neste sentido uma alteração no anno passado, em virtude da alteração da tarifa aduaneira franceza, que creou um direito de importação sobre este producto se bem que diminuto, sendo elle, porém, sufficiente para impossibilitar o fabrico lucrativo de polvilho daquella raiz, e para forçar a mudança da fabricação para outros paizes.

Agora, que se trata de conseguir um novo mercado consumidor para este artigo, verifica-se que já existia um grande interesse por esta raiz tão rica em amido e tão facil de ser manipulada.

A exportação subiu em vista deste facto de mez a mez, com cotações estaveis e o commercio desse artigo está se desenvolvendo constantemente.

A producção das raizes de mandioca poderá acompanhar o augmento das necessidades de consumo, pois nas regiões tropicaes conseguem-se multiplas colheitas annuaes, e a natureza as produz com grande abundancia, tal abundancia, que as despesas de producção são por isso relativamente baixas; o que pesa principalmente sobre o preço é o frete maritimo.

Os indigenas estimam muito a raiz de mandioca como um alimento gostoso e nutritivo muito superior ao de nossa batata.

Na Belgica essa raiz é muito usada no fabrico de alcool.

Na Inglaterra é utilizada em grande escala no fabrico do polvilho; além disto ella serve para o fabrico de (Syrup) melado e dextrina e na Hollanda é utilizada como alimento para o gado.

Na Allemanha está havendo mais e mais um vivo interesse por este producto de paiz longiquo, o qual preenche uma falta muito sensivel, onde a nossa batata não vinga bem.

E' de suppôr que a raiz de mandioca esteja predestinada a representar um grande papel na nossa vida economica.

SECÇÃO DE PLANTAS E SEMENTES

Distribuição de plantas e sementes feita no mez de julho
de 1909

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADES	PESOS	VOLUMES
<i>Plantas</i>			
Arvores fructíferas de clima frio	2.483	—	158
Raizes de Consolidas do Caucaso	1.800	—	12
<i>Sementes</i>			
Abohoras	—	k 340	8
Acelga	—	11,015	7
Alfafa	—	220,500	26
Algodão	—	493	21
Arroz	—	995,500	35
Aveia	—	2	2
Beterraba forrageira	—	30,600	22
Bromus giganteus	—	2	1
Capim Jaraguá	—	1.810	181
Cebola	—	2,980	29
Cenoura forrageira	—	34,300	27
Centeio	—	54	4
Cevada	—	36	11
Couve rutabaga	—	5,230	22
Dactylis glomerata	—	3	2
Eucalyptus	—	210	6
Feijão	—	70,600	23
Festuca	—	2,700	2
Fumo	—	1,645	16
Gyra-sol	—	7,400	15
Holcus	—	14,200	3
Juta	—	1	2
Lolium	—	9,400	6

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADES	PESOS	VOLUMES
Lupulo	—	k 010	1
Maniçoba Jequiê	—	55	6
Melancia	—	475	13
Melão	—	455	12
Milho	—	144,250	30
Mucunã forrageira	—	21	7
Nabo forrageiro	—	25,080	29
Paspalum dilatatum.	—	3	
Phleum pratense.	—	12	2
Pimentão doce	—	750	9
Serradella	—	2	1
Tomate	—	335	12
Tremoços	—	3,400	4
Trevo	—	15,700	5
Trigo	—	26,800	6
Diversas.	—	490	22
	3.983	4.118,065	801

SECÇÃO DO ALCOOL

Movimento dos serviços de propaganda pratica durante o anno de 1908

MEZES	NUMERO DE SERVIÇOS	LOGAR DA REALIZAÇÃO	NUMERO DE APPARELHOS	DURAÇÃO POR DIAS OU NOITES	CONSUMO DO ALCOOL, POR SEMESTRE
Janeiro . .	4	Capital (centro)	16	5	1º semestre 2.954 litros.
	1	» (suburbio)	5	1	
Fevereiro .	5	» (centro)	16	53	
	1	» (suburbio)	5	1	
	1	Districto (Paquetá)	1	20	
Março . .	8	Capital (centro)	51	21	
	1	» (arrabalde)	6	8	
	1	Districto (Paquetá)	1	31	
Abril. . .	4	Capital (centro)	8	4	
	2	» (suburbio)	4	1	
	1	» (arrabalde)	8	20	
Maió. . .	2	» (centro)	4	2	
	1	» (arrabalde)	8	31	
Junho . .	1	» (arrabalde)	8	30	
	1	» (suburbio)	2	1	
Julho. . .	1	» (suburbio)	6	1	
	1	» (arrabalde)	18	31	
Agosto . .	1	» (arrabalde)	18	20	
	1	» (Exposição Nacional)	—	20	
Setembro .	2	» (centro)	16	4	
	2	» (suburbio)	7	2	
	1	» (Exposição Nacional)	—	30	
Outubro. .	1	» (centro)	3	1	2º semestre 4.369 litros.
	1	» (arrabalde)	.	1	
	1	» (Exposição Nacional)	—	31	
Novembro .	2	» (arrabalde)	5	2	
	1	» (Exposição Nacional)	—	15	
Dezembro .	7	» (arrabalde)	25	24	
	1	» (centro)	3	1	
	1	Districto (Ilha do Governador)	6	2	
	2	» (Jacarépaguá)	7	2	

Nota — Foram apresentados na Exposição Nacional todos osapparelhos de força, luz ou calor, que compõem o stock da Sociedade e ainda outros pertencentes a negociantes desta Capital.
O consumo de alcool no serviço da Exposição montou a 3.214 litros.

BIBLIOTHECA

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

Temos recebido as seguintes:

Agronomia, órgão do Centro Nacional de Engenheiros Agrônomos, de La Plata.

— Anno I, n. 2.

Agros, órgão oficial da Associação dos Estudantes de Agronomia, de Montevideo. — I, n. 1.

Jahresbericht der Königlichen Landwirtschaftlichen Hochschule in Berlin. — Annuario XVIII.

Boletín Mensual de Estadística Agrícola. Publicação do Ministerio da Agricultura da Republica Argentina. — Janeiro de 1909.

Boletín de la Dirección de Fomento, de Lima (Perú). — Anno VII, n. 3.

Anales del Museo Nacional de Montevideo. — Flora Uruguaya. — Volume VII, tomo IV, n. 1.

Anuario Estadístico de la Republica del Uruguay. — Tomo I, annos 1907-908.

Engineering Directory, de Londres. — N. 48, abril, 1909.

Contributions from the United States National Herbarium. — Volume VII, partes, 7ª, 8ª e 9ª.

La Cooperazione Italiana, de Milão. — Anno XXIII, n. 819.

L'Economista dell'Italia Moderna, de Roma. — Anno XLII, n. 15.

Unión Ibero-Americana, de Madrid. — Anno XXIII, n. 6.

Boletín del Departamento Nacional del Trabajo (Republica Argentina. — N. 8, 1909.

A Evolução, revista de economia, agricultura e commercio, de S. Paulo. — Anno I, n. 45.

TRABALHOS DIVERSOS

Le Matériel Viticole por R. Brunet. É este o título do ultimo volume sahido a lume da *Encyclopédie Agricole*, que estão publicando os Srs. J. B. Bailliére et Fils e do qual tiveram os editores a gentileza de nos remetter o exemplar que temos sobre a mesa.

Registramos o recebimento com os nossos agradecimentos, chamando a attenção dos leitores para o prospecto da mesma obra inserto no fim da presente secção.

Questions Agricoles, por Daniel Zola. Tambem desta obra publicamos no fim desta secção minucioso prospecto, para o qual pedimos a attenção dos leitores d'*A Lavoura*. Ao editor Sr. Armand Colin enviamos os nossos agradecimentos:

Le Traitement curatif de la tuberculose bovine par la «Tulaselaktin» du Professeur von Behring. Relatorio apresentado ao Ministerio da Agricultura da Republica Argentina pela Commissão official encarregada de verificar os resultados das experiencias realizadas em Buenos Aires.

Cartilla Ganadera por Alfredo Ramos Montero. Publicação da Division de Ganaderia, da Republica O. do Uruguay, Montevideo, 1909.

Estadística Agrícola. Anno de 1908. Publicação do Ministerio da Agricultura da Republica Argentina.

Adubação e Tratamento das Pastagens. É a ultima publicação que recebemos do « Centro de Experiencias Agricola do «Kalisyndikat». Esta como outras publicações feitas pelo Kalisyndikat são distribuidas gratuitamente em seu escriptorio no Rio de Janeiro á Avenida Central 117, 1º andar.

Voyage d'Etudes dans l'Amérique Latine por E. Vliebergh. Louvain, 1909.

O Amazonas. Esboço historico, chorographico e estatistico até o anno de 1903 por Lopes Gonçalves. Nova York, 1904.

Scenário Paranaense. Descrição geographica, politica e historica do Estado do Paraná por Alcebiades Cezar Plaisant. Corityba, 1908.

Breves Apuntes sobre Historia de la Educacion en Mexico pelo professor Baldo-mero Zenil. Mexico, 1909.

Pela Missão Brasileira de Expansão Economica foram-nos remettidos os seguintes trabalhos dos quaes tem ella feito larga distribuição no estrangeiro:

Le Brésil. Ses limites actuelles, ses voies de penetracion por Oliveira Lima. Antuerpia, 1909.

Clima e salubrità dello Stato di San Paolo por Nereu Rangel Pestana.

La salubrità del Brasile.

L'Immigrazione ed il Trachoma al Brasile por Nereu Rangel Pestana.

Carte du Brésil. Politique.

Carte du Brésil. Economique.

Carte du Brésil. Voies ferrées, navigation.

Le Café. Publicação feita pelo commissario geral do Estado de S. Paulo por ocasião da exposição do Centenario de Bruxellas.

Le Thé-Maté du Brésil. Analyse chimique, 1908.

Herba-Maté oder Paraná Thee, pelo Dr. F. do Amaral.

Les Progrès du Brésil.

Società Anonima Cooperativa di Consumo fra gli Agenti delle Strade Ferrate in Milano. Boletim dos preços em 1909.

Consortio delle Cooperative di Consumo. Milão. Lista mensal dos preços correntes

CATALOGOS

Aves de Raza Pura. Preços de aves e ovos. Alexandre Reinhold. Belgrano, 451, Buenos Aires, Republica Argentina.

Dreyer & Hesse, Rosslau (Anhalt). Allemanha. Moinhos de vento. Catalogo n. 45.

E. R. A. F. Turner, Limtd. 82, Mark Lane, Londres, E. C. Moinhos para farinha de trigo, milho e qualquer especie de grãos ou sementes.

Le matériel viticole, par R. BRUNET, ingénieur agronome. Pré-cédé d'une étude générale sur le choix et l'emploi du matériel viticole, par P. VIALA, professeur à l'Institut nacional agronomique, 1909, 1, vol. in-18 de 400 pages, avec 257 figures. Broché, 5 fr. Cartonné, 6 fr. (Librairie J. B. Baillière et fils, 19, rue Hautefeuille, à Paris.)

Si la production du vignoble et la qualité des vins sont en dépendance primordial du cépage, du sol et du climat, les actions de la culture peuvent faire

varier aussi la productivité du vignoble et la qualité du vin. De la perfection donnée aux labours, de l'emploi judicieux des engrais, des traitements des maladies de la vigne et encore du choix des systèmes de plantation et de taille résultant des actions certaines aussi bien sur la qualité que sur la quantité des produits. Dans tous les vignobles, dans ceux à vins communs comme dans ceux à vins de grands crus, les diverses opérations culturales sont l'objet des soins assidus des viticulteurs.

Mais les bases culturales une fois déterminées, il faut chercher à appliquer les systèmes adoptés dans les meilleures conditions économiques d'exécution, par l'emploi d'un *Matériel viticole* approprié. Il est donc d'un intérêt primordial pour le viticulteur de bien connaître ce matériel qui lui permettra de réaliser les diverses opérations de la culture d'une façon parfaite et aussi d'une façon économique. Tel est le but de ce livre.

Il est divisé en 5 parties : I. Etablissement du vignoble. — II. Plantation, tuteurage et palissage. — III. Taille, labours, fumures. — IV. Vendanges. — V. Traitements des maladies de la vigne.

La description des appareils spéciaux est précédée d'une étude générale de M. VIALA sur le choix et l'emploi du matériel viticole.

Ce volume fait partie de l'*Encyclopédie agricole* publiée sous la direction de M. WERY, le directeur de l'Institut national agronomique.

L'*Encyclopédie agricole* et l'*Agenda agricole* WERY, qui en est le complément annuel, sont aujourd'hui entre les mains de tous ceux qui s'occupent sérieusement d'agriculture. Le catalogue détaillé de l'*Encyclopédie agricole* formant 72 pages illustrées de planches est adressé gratis à toute personne qui en fait la demande à MM. J. B. Baillière et fils, 19, rue Hautefeuille, à Paris.

Questions agricoles d'hier et d'aujourd'hui, par DANIEL ZOLLA, professeur à l'Ecole nationale d'Agriculture de Grignon et à l'Ecole libre des Sciences Politiques. Un vol. in-18 Jésus (LIBRAIRIE ARMAND COLIN, 5, rue de Mézières, PARIS), broché 3 fr. 50.

Dans ce volume l'auteur étudie une série de problèmes économiques qui se rapportent à l'Agriculture. En première ligne se place la question de l'Enseignement agricole que le public ne connaît guère et dont l'influence sur la production est cependant décisive. Une expérience déjà longue permet à M. Zolla de juger les méthodes et d'apprécier les résultats.

Les récentes transformations de l'Enseignement dans les Ecoles Pratiques d'Agriculture donnent à cette étude un pressant intérêt d'actualité.

Il en est de même pour les problèmes si divers relatifs aux Associations Agricoles. Ce sont des vues nouvelles et originales que l'auteur expose à propos du rôle que joue le propriétaire foncier.

Le développement si rapide des Syndicats agricoles prouve jusqu'à l'évidence combien on aurait tort de reprocher aux cultivateurs de ne pas savoir grouper leurs forces. C'est ce que M. Zolla démontre en parlant des laiteries coopératives, des greniers coopératifs, des assurances mutuelles, etc., etc.

Diverses questions, telles que la production des animaux domestiques, la division de la propriété, l'impôt sur le revenu, la colonisation agricole et le com-

merce des produits coloniaux, complètent ce travail et constituent une véritable revue des principaux problèmes qui s'imposent aujourd'hui à l'attention de tous les hommes éclairés.

Les études de M. Zolla poursuivies depuis vingt ans, sa longue carrière de professeur et de publiciste, ses nombreuses missions à l'étranger, lui ont permis de parler avec autorité des problèmes dont ce volume contient l'exposé.



NOTICIARIO

 **Os gafanhotos.** — Abaixo reproduzimos as medidas adoptadas pelo Governo do Rio Grande do Sul para a extinção da praga de gafanhotos, naquella Estado.

DECRETO N. 1.430 — DE 15 DE JANEIRO DE 1909

Adopta diversas medidas para auxiliar a extinção da praga de gafanhotos

O presidente do Estado do Rio Grande do Sul, considerando que ao Governo incumbe auxiliar os municípios nos meios de defesa no combate contra a praga de gafanhotos, que annualmente infesta o Estado, prejudicando alta e especialmente as suas lavouras;

Considerando que é conveniente a uniformisação dos referidos meios para maior efficacia dos serviços de extinção dessa praga;

Considerando ainda que a avestruz, a gaivota, o gavião, o João Grande e a garça concorrem para isso, devorando esses orthopteros, dos quaes se nutrem;

Resolve decretar:

Art. 1.º Fica desde já expressamente prohibida a caça ás avestruzes, ás gaivotas, aos gaviões, aos João Grandes e ás garças assim como a retirada dos ovos de ninhos, as batidas em viveiros e as ciladas para effectuar a prisão de filhotes.

Art. 2.º Os infractores desta disposição incorrerão na multa de 200\$000 que será elevada ao dobro em casos de reincidencia.

Art. 3.º São competentes para a applicação da multa estabelecida no artigo antecedente todas as autoridades estadoaes e municipaes.

Art. 4.º Cabe ás municipalidades dar ampla publicidade a este decreto e procurar todos os meios adequados á sua integral execução.

Art. 5.º Revogam-se as disposições em contrario.

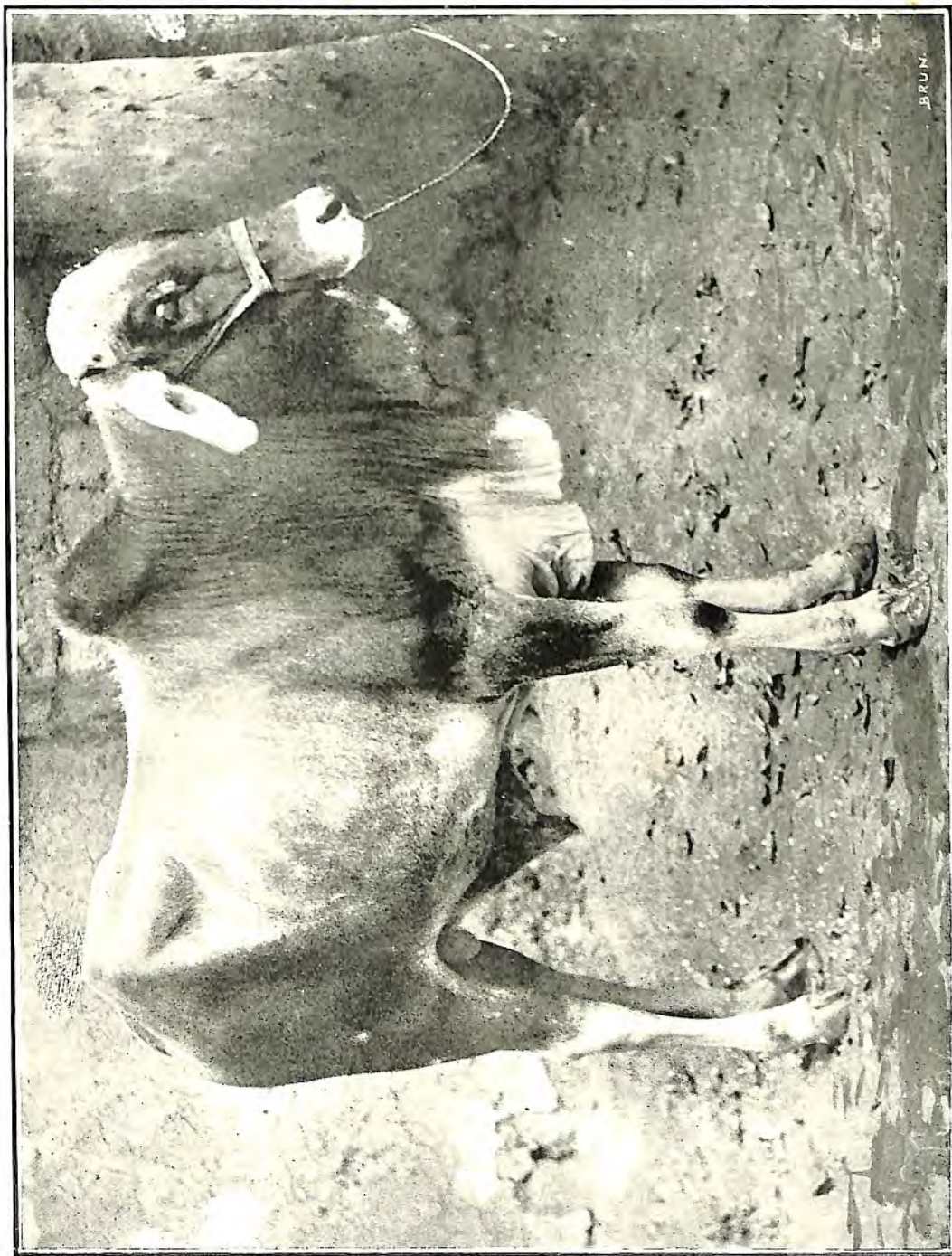
Palacio do Governo em Porto Alegre, 15 de janeiro de 1909.

DR. CARLOS BARBOSA GONÇALVES.

Protasio Alves.

Café de café. — Realizou-se, no dia 24 do corrente mez, nesta Sociedade, na presença de muitas pessoas, a experiencia do Dr. Carlos Marcondes de Toledo Lessa, sobre a sua invenção, denominada:—Café de café.

FAZENDA JAMBEIRO — PARACATU — MINAS
De Ayrão Carneiro



Bezerro Zebú de 17 mezes, vendido por 400\$000, no leilão de N. S. da Abbadia

O Dr. Lessa se propunha a provar que inventou um processo para conservação do café, em liquido, e conseguiu o que tinha promettido, pois abriu uma garrafa de café de café, que estava laçada havia 6 mezes; della extrahiu o café liquido que é coado e preparado por um processo especial, segredo do inventor.

O café conserva-se, por muito tempo, sem perder as suas qualidades de aroma e sabôr.

Este café, para ser uzado, basta apenas ser aquecido e addicionar-se-lhe assucar á vontade do paladar de cada um.

As pessoas que assistiram á experiencia beberam o café de café e acharam-no bom.

Com o novo invento abrem-se novos horizontes á industria da vidraria, pois, a conservação e exportação do café liquido será em garrafas.

E' tambem provavel que a industria da tanoaria seja beneficiada pela nova invenção porque se a madeira não affectar ao café, pôde este ser conservado e exportado em barris.

E', como vemos, uma descoberta que vem crear novos elementos de trabalho em torno da preciosa rubiacea.

Cooperativas— O Dr. Antonio Picarolo, jornalista, residente em São Paulo, seguiu para Napoles onde foi organizar as cooperativas para a exportação de café para Napoles e outras provincias da Italia.

Os colonos do Nucleo Colonial Campos Salles, «S. Paulo organizaram a «Cooperativa de Producção» com auxilio do Governo Estadual, que forneceu os machinismos para o beneficciamento do arroz.

Na colonia Nova Helvetia e no nucleo Nova Odessa, o Governo está promovendo a organização de cooperativas de leiteria.

Em França, um dos mais importantes municipios pastoris do Estado, estão encaminhados os trabalhos para uma grande cooperativa de leiteria, organizada pelos criadores.

Machinas agrarias — Têm tido grande acceitação os arados Oliver. Existem diversos typos. Peçam catalogos com preços aos Srs. Hasenclever & C. — Avenida Central, 69 a 77. Caixa 745.

Arado reversivel. Possante machina para arar. Puxado por quatro bois ou burros. Tem a grande vantagem de fazer a volta curta. Envia catalogos com os preços os Srs. Henry Rogers, Sons & C. Rua Visconde de Inhaúma 85, Rio.

Cultivadores, « Antonio Prado » e « Luiz Bueno », machinas usadas nas capinas dos cafeeiros da casa Prado Chaves & C., em S. Paulo.

Não cortam as raizes, tornam o terreno poroso, apto, portanto, para absorver as chuvas.

Tração : — um animal — Preços modicos. Fornecem catalogos Nathan & C. rua S. Bento 43, S. Paulo.

Lavador de café « Maravilha ». Todo de ferro. — Ultima palavra no genero. Separa o cereja do côco.

Extrahe completamente a pedra e os pausinhos.

Unico depositario: Upton & C. S. Paulo, rua Alvares Penteado, 44.

ANIMAES DE RAÇA :

Importam Hopkins, Causer & Hopkins, 95, rua Theophilo Ottonio. Têm machinismos para leiteria, de diversos fabricantes.

Aphthalina, específico para a peste aphtosa. Medicamento approved pelos importantes e adeantados creadores do S. José do Barreiro (E. de S. Paulo), Srs. Francisco de Paula Ramos, José Gonçalves Pereira Sobrinho, Ezequiel Ramos, Osorio da Cunha Lara, Balduino e Barbosa de Oliveira e outros.

Oleo Cafro— A analyse desta planta, cultivada na Republica Argentina e na Italia, revelou as substancias seguintes:

Assucar.	8,210
Amido	0,100
Materia lenhosa	17,775
Silica	0,065
Saes diversos	0,520
Agua	73,330
Total.	100,000

Com relação á canna de assucar contém quasi tanta agua, porém, em compensação encerra 18 % de assucar e contém 9,5 de materias lenhosas.

Productos— Um hectare de oleo cafro póde render 70 a 80.000 kilos de talos desprovidos de folhas. Essa cifra produz 60 % em succo assucarado.

Tomando a cifra de 33.000 kilogrammas de talos, sem folhas, que é a média obtida por hectare, se poderá retirar, mais ou menos, 16.500 kilogrammas de succo.

Sua riqueza saccharina varia entre 10 e 20 %. Suppondo um rendimento de 8 % sómente, 16.500 produziriam 1.300 kilos de assucar, porém, o oleo cafro tem o inconveniente de conter uma forte proporção de assucar incrustallisavel, porém, esta particularidade não prejudica a transformação do assucar em alcool.

Sua producção em alcool está calculada em 6 a 8 % de succo.

Segundo este rendimento, 16.500 kilos de succo produziriam 11,50 hectolitros de alcool, ou 3,50 kilos em cada 100 kilos de talos, sem folhas.

Os grãos, depois de moidos, são empregados para a engorda dos vaccuns e servem também para o preparo do pão.

As folhas que se colhem dos talos, na época da colheita, podem ser utilizadas na alimentação dos-bovinos.

Finalmente, o pendão do oleo cafro é a materia prima com a qual se fabricam as vassouras, para varrer.

Aprendizado Agricola— « Dr. Bernardino de Campos ».

Durante o anno de 1908 matricularam-se 20 alumnos de 14 e 17 annos de idade, contra 23 no anno anterior.

Dos matriculados 16 frequentaram o primeiro anno e quatro o segundo.

Os exames começaram em 16 e terminaram no dia 18 de novembro, e a elles compareceram nove alumnos, sendo seis do primeiro anno e dous do segundo.

Aos alumnos promovidos entregou o encarregado do aprendizado, como premios, livros de agricultura e 30\$ em dinheiro.

O curso theorico correu regularmente e o pratico constou de exercicios no campo de experiencias, trabalhando os alumnos seis horas por dia, manejando elles mesmos os instrumentos agrarios: arados, grades de discos e de dentes, semeador mechanico e outros.

Houve 428 licções theoricas aos alumnos do primeiro anno e 583 aos do segundo.

Pela natureza dos terrenos, que são muito humidos, a cultura experimental do arroz é a que occupa todos os annos maior parcella, tendo-se feito plantios com adubos e sem elles, attingindo o arroz, em 1908, grande desenvolvimento.

O arroz *Honduras* attingiu á altura de 1^m75, tendo produzido 31,57 hectolitros por hectare.

Esse arroz resiste bem aos ventos e aguaceiros pesados, dando cachos muito grandes e sementes que rivalisam com as melhoras das boas qualidades de cultura local, tanto pelo peso e tamanho, como pelo brilho que adquirem no beneficiamento.

Outras experiencias foram feitas:

O *canhamo*, chamado brasileiro (*Hibiscus*, sp.), attingiu á altura de 2^m,50 na média. Suas fibras foram preparadas, por maceração, pelos alumnos.

O linho attingiu a 1^m,25, na média, sem se ramificar, produzindo fibra de qualidade muito regular e optimas sementes.

Praticou-se, correntemente, a adubação verde, tendo sido utilizadas pelos alumnos as diversas leguminosas, cultivadas com bom exito, principalmente o amendoim rasteiro, o tremço branco e o feijão da Florida.

As culturas arborescentes, taes como as do cacaueiro, da maniçoeira de Jequié, dos coqueiros da Bahia, da amoreira, dos eucalyptus e outras, tiveram o competente e opportuno trato.

Além de 348 mudas de cacaueiro transplantadas, dispõe-se no respectivo viveiro de 1.600, promptas para distribuição.

As maniçoeiras têm-se desenvolvido muito bem, assim como os coqueiros.

Fizeram-se novos viveiros de amoreiras brancas francezas.

Nas experiencias de criação de sirgo, observou o encarregado do Aprendizado que os bichos, alimentados com as folhas de amoreira produzida ali não têm dado bons casulos, sendo elles molles, leves e pouco resistentes.

Os alumnos exercitavam-se bastante nos trabalhos de cultura hortense e pomareira, havendo no pequeno pomar, entre pereiras e macieiras, 100 arvores e diversos viveiros de marmelleiros, macieiras, pereiras e laranjeiras, para exercicios de enxertia.

Em 31 de dezembro existiam nos viveiros 1.600 cacaueiros, 40 condessas, 298 fructeiras europeas, 246 laranjeiras, 267 amoreiras, 1.282 enraizados de videiras e muitas mudas de eucalyptus de diversas variedades.

A plantação total de arroz foi de 14.208 m. q. das variedades: dourado branco legitimo de Iguape, Honduras, Gem-el-Gim, além de um lote de 1.300 m. qs.; a de milho foi 9.615 m. q.; a de araruta, de 400 m. q.; a de sirgo, de 577 m. q.; e a de feijão de Florida e canna, 750 m. q.

O Aprendizado distribuiu diversas mudas e sementes, assim como ministrou dados e informações ás pessoas que o visitaram e as solicitaram.

Este aprendizado está situado em Villa Bella, ha doze leguas, mais ou menos da cidade de Santos,

(Do Relatorio do Dr. Candido Rodrigues, de 1908).

Póstdos Zootéchnicos—O Dr. Candido Rodrigues, Ministro da Agricultura, creou em S. Paulo, antes de deixar a pasta de Secretario de Agricultura, 5 postos zootéchnicos regionaes, com sédes nos respectivos municipios de S. Carlos, Guaratinguetá, Botucatu, Itapetininga e Barretos.

Estes municipios são criadores, sendo que o de Itapetininga tem um matadouro frigorifico e exporta os seus productos.

No municipio de Barretos a Companhia Paulista de Vias Ferreas & Fluviaes, está installando um matadouro frigorifico provido de todos os modernos apparelhos.

Reducção de fretes— É esta uma medida de grande alcance que o Governo vae pôr em execução, porque os fretes altos teem cerceado o desenvolvimento da polycultura, das pequenas industrias pastoris e das industrias agricolas.

O frete barato será o elemento principal para estimular energias adormecidas a attrair para a agricultura actividades novas que virão agir nesse vasto campo de trabalho.

Entre os productos beneficiados pela projectada redução, está o café mineiro, o qual virá pela Central a este Porto, livrando-se assim do imposto de 5 francos em Santos.

Exportação de melancias— Está em organização em Villa Americana (S. Paulo) uma grande cooperativa fructifera que promoverá a exportação para a Argentina de melancias e outras fructas produzidas naquelle municipio.

A colheita, só de melancias, este anno, está orçada em dois mil contos.

Exportação de arroz— O Estado de S. Paulo exportou o anno passado, só pela Estrada de Ferro Central, 149, 274, saccos de arroz.

Estes Algarismos são officiaes, extraimol-os do Relatorio do Dr. Candido Rodrigues, de 1908, que é, no genero, um trabalho excellent, quer quanto á clareza do methodo expositivo, quer em relação á exactidão das estatisticas.

A exportação pelo porto de Santos attingiu a 14.579.361 kilos na importancia de 5.831:744\$400 reis.

Entrepasto de café— A acreditada e operosa firma Lage Irmão, desta cidade, com grandes estaleiros e officinas na ilha do Vianna, acaba de fundar o Entrepasto de Café da ilha do Vianna, com o proposito de proporcionar á lavoura verdadeira economia nos gastos que oneram o café no mercado do Rio de Janeiro.

Propondo-se centralizar todo o trabalho de transporte, armazenagem e ensaque de café oriundo das estradas de ferro Central e Leopoldina, cobrará ella pela execução destes serviços unicamente a quantia de 700 réis por sacca.

Recebendo dos Srs. agricultores as suas consignações, o Entrepasto as venderá por pessoal idoneo, prestando a respectiva nota de venda —por 10 kilogr.— dando ao genero o seu verdadeiro typo, classificando o seu exacto valor e pondo immediatamente á disposição dos Srs. lavradores o saldo liquido apurado, livre de com-missão ou de outras quaesquer despesas que não as já assignaladas acima.

O Entrepосто offerece ainda aos fazendeiros que não disponham de boas machinas a vantagem de ser o café rebeneficiado em aperfeiçoados catadores e classificadores mechanicos ao preço de 600 réis por sacco.

O remettente preferindo vender o seu café por commissario, o indicará no conhecimento remettido ao Entreposto, que fornecerá áquelle as amostras e fará a entrega do café ao comprador que for designado.

O café da Leopoldina Railway deverá ser despachado para a estação de Nitheroy e o conhecimento, como se disse, para o escriptorio da firma referida á rua do Hospicio 23.

E' um bom serviço que Lage Irmãos prestam á lavoura do paiz.



PARTE COMMERCIAL

JULHO DE 1909

Café

Durante o mez de julho venderam-se para exportação 220.000 saccas.

Entraram no mesmo periodo 434.202.

Foram embarcadas 274.713 e a existencia em 31 de julho era calculada em 159.776.

Os extremos das cotações durante a primeira e a segunda quinzenas, foram :

1ª quinzena

		Por arroba	Por 10 kilos
Numero 6		6\$200 a 6\$600	4\$221 a 4\$493
» 7		5\$800 a 6\$300	3\$949 a 4\$289
» 8		5\$500 a 6\$000	3\$744 a 4\$085
» 9		5\$200 a 5\$700	3\$540 a 3\$881

2ª quinzena

		Por arroba	Por 10 kilos
Numero 6		6\$100 a 6\$600	4\$153 a 4\$493
» 7		5\$800 a 6\$300	3\$949 a 4\$289
» 8		5\$500 a 6\$000	3\$744 a 4\$085
» 9		5\$200 a 5\$700	3\$540 a 3\$881

Aguardente

A escassez de entradas que se fez notar na 1ª quinzena, accentuou-se na segunda, trazendo como consequencia melhora de preços.

Durante o mez entraram 640 pipas, cujas cotações por pipa foram (base de 20 %).

Paraty	130\$000 a 150\$000
Angra	105\$000 a 125\$000
Campos	95\$000 a 110\$000
Maceió	95\$000 a 110\$000
Bahia	95\$000 a 110\$000
Pernambuco	95\$000 a 110\$000
Aracajú	95\$000 a 110\$000
Sul	95\$000 a 110\$000

Alcool

Durante o mez foram recebidas 1.163 pipas de diversas procedencias e as cotações por pipa, sem o casco, regularam :

40 grãos	140\$000 a 170\$000
38 »	130\$000 a 150\$000
36 »	120\$000 a 130\$000

Algodão em rama

O movimento geral do mercado foi o seguinte :

Existencia em 15 de julho 11.236

Entrada :

Parahyba	1.722
Mossoró	1.600
Sergipe	800
Pernambuco	700
Ceará	600
Natal	400
Piauhý	93
	<u>5.915</u>
	17.151

Sahida dos trapiches 7.629

Existencia no dia 31 9.522

Preços :

Pernambuco	10\$300 a 11\$200
Rio Grande do Norte	10\$200 a 11\$000
Parahyba	9\$800 a 10\$800
Ceará	10\$000 a 11\$200
Sergipe	10\$000 a 10\$300
Penedo	10\$000 a 10\$500

Assucar

Durante o mez vieram ao mercado 62.263 saccos, sendo de :

Pernambuco	12.577
Sergipe	7.577
Campos	30.915
Bahia	11.214

Os preços regularam do seguinte modo :

Pernambuco :

	Kilo
Branco usina	260 reis a 290 reis
» crystal.	260 » a 290 »
» 3ª sorte	250 » a 280 »
Crystal amarello	200 » a 240 »
Somenos.	210 » a 220 »
Mascavinho	200 » a 220 »
Mascavo bom	170 » a 180 »
» regular	160 » a 170 »
» baixo	130 » a 150 »

Campos :

Branco crystal.	260 reis a 320 reis
» 2º jacto	250 » a 270 »
Crystal amarello	não ha
Mascavinho.	200 » a 240 »

Bahia :

Branco crystal.	300 » a 320 »
» 2º jacto	— —
Crystal amarello	— —
Mascavinho.	200 » a 230 »
Mascavo bom	— a 180 »

Sergipe :

Branco crystal.	260 » a 280 »
Crystal amarello	— —
Mascavinho.	200 » a 230 »
Mascavo bom	170 » a 180 »
» regular	160 » a 170 »
» baixo	130 » a 150 »

Cereaes

Regularam durante o mez os preços seguintes :

	Sacco
Arroz nacional	28\$000 a 30\$000
» » inferior.	25\$000 a 27\$000
» » rajado	21\$000 a 24\$000
» estrangeiro agulha, 1ª qualidade.	35\$000 a 37\$000
» » 2ª qualidade.	33\$000 a 34\$000
Feijão preto de Porto Alegre	9\$500 a 11\$000
» » Mineiro.	8\$500 a 12\$000
» » de Santa Catharina, superior.	8\$000 a 11\$000
» » do Paraná	Nominal

	Sacco
Feijão mulatinho.	8\$000 a 10\$500
» manteiga	10\$500 a 13\$000
» enxofre, nacional	10\$500 a 13\$500
» de côres, »	8\$000 a 14\$000
Farinha de mandioca especial	9\$200 a 9\$800
» fina	7\$000 a 7\$800
» peneirada	6\$200 a 6\$800
» grossa	4\$800 a 5\$400
Milho da terra	6\$800 a 7\$600
» » » misturado	6\$000 a 7\$000
Cangica.	Nominal
Amendoim.	7\$500 a 8\$000
	Kilogramma
Fubá de milho	\$130 a \$200
Mate em folha	\$400 a \$560
Tapioca	\$380 a \$460
Polvilho	\$200 a \$260

Fumo em rôlo

Foram escassas as entradas durante o mesmo periodo.

As cotações por kilogramma foram :

De Minas especial.	1\$000
» » superior	\$900
» » de 2ª.	\$600
» » ordinario	\$500
Goyano superior . »	2\$200
» baixo	1\$800
Rio Novo, superior	1\$600
» » de 2ª	1\$300
» » baixo	\$800
Pomba superior	1\$200
» de 2ª	1\$000
» baixo	\$900
Carangola	1\$000
Picú especial	2\$000
» de 1ª	1\$600
» » 2ª	1\$200
Bahia.	1\$100

ESTATUTOS

CAPITULO II

DOS SOCIOS

Art. 8.º A sociedade admite as seguintes categorias de socios :

Socios effectivos, correspondentes, honorarios, benemeritos e associados.

§ 1.º Serão socios effectivos todas as pessoas residentes no paiz que forem devidamente propostas e contribuirem com a joia de 15\$ e a annuidade de 20\$000.

§ 2.º Serão socios correspondentes as pessoas ou associações, com residencia ou séde no extrangeiro, que forem escolhidas pela Directoria, em reconhecimento dos seus meritos e dos serviços que possam ou queiram prestar á sociedade.

§ 3.º Serão socios honorarios e benemeritos as pessoas que, por sua dedicação e relevantes serviços, se tenham tornado benemeritos á lavoura.

§ 4.º Serão associadas as corporações de caracter official e as associações agricolas, filiadas ou confederadas, que contribuirem com a joia de 30\$ e a annuidade de 50\$000.

§ 5.º Os socios effectivos e os associados poderão se remir nas condições que forem preceituadas no regulamento, não devendo, porém, a contribuição fixada para esse fim ser inferior a dez (10) annuidades.

Art. 9.º Os associados deverão declarar o seu desejo de participar dos trabalhos da sociedade. Os demais socios deverão ser propostos por indicação de qualquer socio e apresentação de dois membros da Directoria e ser acceitos por unanimidade.

Art. 10. Os socios, qualquer que seja a categoria, poderão assistir a todas as reuniões sociaes, discutindo e propondo o que julgarem conveniente; terão direito a todas as publicações da sociedade e a todos os serviços que a mesma estiver habilitada a prestar, independentemente de qualquer contribuição especial.

§ 1.º Os associados, por seu caracter de collectividade, terão preferencia para os referidos serviços e receberão das publicações da sociedade o maior numero de exemplares de que esta puder dispor.

§ 2.º O direito de votar e ser votado é extensivo a todos os socios; é limitado, porém, para os associados e socios correspondentes, os quaes não poderão receber votos para os cargos de administração.

§ 3.º Os socios perderão somente seus direitos em virtude de expontanea renuncia ou quando a assembléa geral resolver a sua exclusão por proposta da Directoria.

REGULAMENTO

CAPITULO VI

DOS SOCIOS

Art. 18. A sociedade prestará seus serviços de preferencia aos socios e associados quando estiverem quites com ella.

Art. 19. A joia deverá ser paga dentro dos primeiros tres mezes após a sua acceitação.

Art. 20. As annuidades poderão ser pagas por prestações semestraes.

Art. 21. Os socios e os associados se poderão remir mediante o pagamento das quantias de 200\$ e 500\$, respectivamente, feito de uma só vez e independente da joia, que deverão pagar em qualquer caso.

Art. 22. Os socios e associados não poderão votar, nem receber o diploma, sem terem pago a respectiva joia.

§ 1.º O socio que tiver pago a joia e uma annuidade, poderá remir-se mediante a apresentação de 20 socios, desde que estes tenham igualmente satisfeito aquellas contribuições.

§ 2.º Para esse effeito o socio deverá requerer á Directoria, provando seus direitos nos termos do paragrapho anterior.

§ 3.º Serão considerados benemeritos os socios que fizerem donativos á sociedade, a partir da quantia de um conto de réis.

Art. 23. Para que os socios atrazados de duas annuidades possam ser considerados resignatarios, nos termos dos Estatutos, é preciso que suas contribuições lhes tenham sido solicitadas por escripto, até tres mezes antes, cabendo-lhes ainda assim o recurso para o conselho superior e para a assembléa geral.

FAZENDA SANTA MONICA



Experiencias de z'dubação de milho feitas por E. Mager